

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**

**FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**EVOLUÇÃO DAS RESPOSTAS À PROVA “ERA UMA VEZ”, EM FUNÇÃO  
DA IDADE**

**Inês Maria Pereira Capinha**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**  
(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica)

2012

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**

**FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**EVOLUÇÃO DAS RESPOSTAS À PROVA “ERA UMA VEZ”, EM FUNÇÃO  
DA IDADE**

**Inês Maria Pereira Capinha**

**Dissertação Orientada pelo Prof. Doutor Bruno Ademar Paisana Gonçalves**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**  
(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica)

2012

*“All sorrows can be borne if you put them into a story, or you tell a story about them.”*

*“Todas as tristezas podem ser suportadas se forem transformadas numa história, ou se for contada uma história sobre elas.”*

*Isak Dinesen, em The Human Condition (Hannah Arendt, 1958)*

\*Este trabalho foi escrito ao abrigo do Acordo Ortográfico de 1945.

## Agradecimentos

*Era uma vez... Uma Tese. Essa Tese esperava tornar-se grande, com muitas letras e números, e páginas... Tinha em si o grande sonho de trazer conhecimento à sua escritora, e a quem a viesse a ler! (Era um pouco vaidosa, não podemos mentir!...) Esperava ver a luz do sol, e ter asas para voar, para fora dos ficheiros “.doc” do computador. Passaram-se horas, e dias, e meses, e a Tese começou a cansar-se e a desesperar... Porque a tinham abandonado, tinham-na deixado reduzida a nada. Toda ela estava em branco! E começou a ficar cansada, abatida, triste, deprimida... Porém, um dia, sem mais nem menos, chateou-se. Chateou-se mesmo. Bateu o pé, fez fita, foi como aqueles meninos pequenos que se deitam no meio das passadeiras e dizem que nunca mais na vida vão sair dali. Foi então que eu comecei a cuidar dela, a escrevê-la... Mas muito devagarinho, muitas vezes até demais! Foi passado uns tempos que esta tese começou a sentir-se crescer, crescer, cada vez mais e melhor... E um dia, finalmente, apareceu, já estava crescida e pronta a sair, tal como sempre tinha desejado! (Quer dizer, para ela, uma perfeccionista inata e aprendida, ainda haviam umas arestas a limar aqui e ali...) As letras, números, palavras, frases, parágrafos e tudo o que constitui esta tese não existiriam sem a ajuda preciosa de um conjunto de pessoas, a quem quero expressar o meu maior e mais sincero agradecimento.*

*Ao Professor Doutor Bruno Gonçalves, por se ter disponibilizado para me orientar ao longo deste ano. E à Professora Doutora Teresa Fagulha, pela alegria com que sempre me recebeu, valorizando o meu trabalho, e também pela forma como pôs ao meu dispor os seus dados, sem os quais este trabalho não teria sido realizado! Aos dois, o meu maior agradecimento pelo apoio prestado, pelos conhecimentos transmitidos e ajuda ao longo deste ano!*

*Ao Paulo, por toda a dedicação e enorme apoio que me tem dado ao longo dos últimos tempos. Pelos momentos de “reis da estatística”, pela ajuda preciosa com o tratamento da base de dados, pela paciência para os meus dias maus e rabugices, por todas as tentativas para me motivar, pela “comida em forma de afecto”, e pelo afecto em forma de afecto, pelas revisões do texto, por todo o carinho e atenção que me deu ao longo deste tempo! Por ter mostrado, sempre que tinha muita vontade de me ajudar, e por me ter feito sentir que este projecto é também um bocadinho dele... Por ter ralhado comigo, e não ter desistido, nunca. Pelas noites mal dormidas e pelas tardes que em vez de serem passadas a descansar foram passadas em frente dos*

*computadores... E tudo aquilo que não consigo expressar em palavras! Muito obrigada, mesmo!*

*A todos os meus amigos, que sempre se mostraram disponíveis para me ajudar no que fosse preciso, que me fizeram desanuviar nos intervalos de tese, e me motivaram a continuar. Por terem acreditado em mim, desde o primeiro dia... Por toda a amizade demonstrada, os meus sinceros agradecimentos! Em especial, agradeço ao Edgar, companhia e presença constante nos meus dias, com quem falar sobre os meus medos e ansiedades é torna-los pensáveis e solucionáveis. Às colegas e amigas de mestrado que sempre se mostraram preocupadas e colaborantes comigo, que me deram dicas e me ajudaram com as revisões, a Lili e a Bárbara. À minha “amiga de casa”, a Yenny, que sempre se mostrou disponível para ajudar, e preocupada com a evolução da minha tese, isto tudo com uma piada na manga! Ao meu irmão André, à Diana, à Sandra, por terem sido pessoas importantes ao longo de todo este processo e com as quais sei que posso contar, independentemente da situação! Obrigada pelas mensagens de força!*

*À família Mendes agradeço todo o apoio ao longo deste tempo, o interesse pelo meu trabalho e a forma simpática e calorosa de me receberem, desde o primeiro dia.*

*À minha família agradeço as oportunidades que me têm proporcionado ao longo da vida. Sem eles, não seria possível estar aqui (metafórica e literalmente!).*

*E, porque este é um trabalho que marca o final de um ciclo de estudos na Faculdade de Psicologia, gostava de agradecer a todos os meus colegas e amigos, com os quais estes cinco anos foram passados, com os quais pude partilhar trabalhos, apresentações, choros, conversas, ansiedades, sonhos, ideias e ideais, felicidades e vitórias!*

*Os meus sinceros agradecimentos, do fundo do coração!*

## Resumo

A prova “Era uma vez...” (Fagulha, 1997/2002) é uma prova projectiva, destinada a crianças dos 5 aos 11 anos de idade, de completamento de histórias do tipo “banda desenhada”. Estas histórias apresentam situações quotidianas, duas geradoras de prazer, e cinco geradoras de ansiedade. Os dados normativos (Fagulha, 1997/2002) para a prova são compostos por quatro grupos: 5 anos, 6 a 8 anos, 9 anos e 10 – 11 anos de idade. Pires (2001) descreveu quatro modalidades para lidar com a ansiedade, que podem ser obtidas através da análise de respostas à prova.

O presente estudo utilizou uma amostra de 400 crianças, dos 5 aos 11 anos. Os objectivos passam por estudar o padrão de respostas (1) na categoria da cena na posição, relativos aos diversos cartões e (2) nas estratégias de elaboração da ansiedade. Pela primeira vez, as respostas de crianças de 6, 7 e 8 anos foram analisadas separadamente, permitindo uma verificação clara na evolução das respostas.

No global, a tendência é que as crianças mais velhas reconheçam o sentimento de ansiedade, quando suscitado pela história, encontrando estratégias mais adaptativas, que são descritas por uma maior escolha de cenas de Realidade e Fantasia para terminar as narrativas, assim como uma maior frequência de Estratégias com Equilíbrio Emocional.

Palavras-chave: Prova “Era uma vez...”; Estratégias de Elaboração da Ansiedade; Evolução nas respostas à prova “Era uma vez...”; Dados normativos para a prova “Era uma vez...”.

## **Abstract**

The “Once upon a time...” test (Fagulha, 1997/2002), is a projective test, aimed at children from 5 to 11 years of age. It consists of a completion task of stories like “comics”. These stories present daily life situations, two of them generating pleasure, and five generating anxiety. Normative data (Fagulha, 1997/2002) to the test are aimed to the following age groups: 5 years, 6 to 8 years, 9 years and 10 to 11 years old. Pires (2001) described four methods to deal with the anxiety that may be obtained by analyzing responses to the “Once upon a time...” test.

This study examined the answers of 400 children to this test. The age of the participants ranged from 5 to 11 years old. The objectives are understand the answers pattern to the test (1) by category of scene in the position and (2) development strategies of anxiety. For the first time, the responses of children aged 6, 7 and 8 years were analyzed separately, and it was noticeable a small trend in the answers given by different ages.

Overall, the tendency is that older children recognize feelings of anxiety when it is raised by the story, finding more adaptive strategies for the resolution of the narrative, which are described by a greater choice of scenes of Reality and Fantasy to complete narratives, as well as a higher frequency of Strategies with Emotional Balance.

Keywords: Proof "Once upon a time ..."; Strategies Development of Anxiety; Evolution responses for "Once upon a time ..." test; Normative data for “Once upon a time...” test.

## Índice

Introdução	1
I. Enquadramento Teórico	2
I.1. As provas projectivas	2
I.1.1. As provas projectivas para crianças	3
I.2. A prova “Era Uma Vez...”	5
I.2.1 A primeira versão da prova “Era uma vez...”	5
I.2.2. A versão actual da prova “Era uma vez...”	6
I.2.3. Estudos com a prova “Era uma vez...”	9
I.2.4. Estudos para a obtenção de dados normativos	10
I.2.5. Estratégias de Elaboração da Ansiedade	12
I.3. Teorias psicodinâmicas sobre o desenvolvimento infantil	15
II. Objectivos e Hipóteses	18
II.1. Objectivos do estudo	18
II.2. Hipóteses do Estudo	18
III. Método	19
III.1. Instrumento	19
III.2. Participantes	20
III.3. Procedimento	20
III.4. Procedimento Estatístico	21
IV. Apresentação e Discussão de Resultados	21
IV.1. Apresentação e Discussão dos Resultados	21
IV.1.1. Diferenças nas respostas aos cartões, por posição, nas diferentes idades	22
IV.1.2. Diferenças nas Estratégias de Elaboração da Ansiedade, por idade	32
IV.2. Discussão de Resultados	41
V. Conclusão	44
VI. Referências Bibliográficas	46

## Índice de Quadros

<b>Quadro 1</b>	20
<b>Quadro 2</b>	22
<b>Quadro 3</b>	23
<b>Quadro 4</b>	24
<b>Quadro 5</b>	25
<b>Quadro 6</b>	26
<b>Quadro 7</b>	27
<b>Quadro 8</b>	28
<b>Quadro 9</b>	29
<b>Quadro 10</b>	30
<b>Quadro 11</b>	30
<b>Quadro 12</b>	31
<b>Quadro 13</b>	32
<b>Quadro 14</b>	32

## Índice de Gráficos

<b>Gráfico 1</b>	33
<b>Gráfico 2</b>	34
<b>Gráfico 3</b>	36
<b>Gráfico 4</b>	37
<b>Gráfico 5</b>	38
<b>Gráfico 6</b>	39
<b>Gráfico 7</b>	40
<b>Gráfico 8</b>	41



## Introdução

No início dos anos 90 foi desenvolvido pela Dra. Teresa Fagulha, no âmbito da sua tese de Doutoramento na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, a prova “Era Uma Vez...”. Esta é uma prova projectiva, que avalia as respostas de crianças em idade escolar no completamento de histórias, face a situações que induzem estados emocionais de ansiedade e de prazer (Fagulha, 1992). Parte-se assim do princípio, que na resposta da criança estão presentes as suas necessidades e pensamentos, e é, portanto, possível o acesso ao seu mundo interno (“*hipótese projectiva*”) (Fagulha, 2004). A história e/ou a brincadeira são, segundo Winnicott (1971/1975), a maneira que a criança tem de lidar de forma criativa com a ansiedade, e o único modo de a criança aceder à “área transicional da experiência”.

A prova “Era Uma Vez” tem dados normativos relativos (1) às categorias de cenas escolhidas (Fantasia, Aflição, Realidade) e (2) à sua colocação na sequência (1ª, 2ª, 3ª posição) para os grupos etários de 5 anos, 6 a 8 anos, 9 anos e 10/ 11 anos (Fagulha, 1992/1997).

Partindo do estudo feito anteriormente sobre a prova, Pires (2001) levou a cabo um trabalho em que propôs a existência de quatro diferentes formas que a criança tem de elaborar a ansiedade face ao confronto com a situação estímulo na presente prova.

Este estudo vai-se focar na análise de 400 protocolos, recolhidos ao longo dos últimos 8 anos, por todo o país, em escolas públicas e privadas do ensino primário e pré-escolar. Os sujeitos são crianças com idades compreendidas entre os 5 e os 11 anos. O presente estudo propõe-se analisar as respostas dadas. Os critérios de análise das respostas serão os seguintes: (1) Categoria de cena escolhida e a sua colocação na sequência e (2) Tipo de Estratégias de Elaboração de Ansiedade (Pires, 2001).

Espera-se encontrar uma evolução por faixa etária, tanto relativamente às categorias, onde será esperado que os temas de Fantasia sejam mais típicos de crianças mais novas, e os temas de Realidade aumentem nas mais velhas; como também relativamente aos itens escolhidos, de uma forma mais discriminada. Como refere Klein (1932/1975), existirá uma tendência para que confrontada com uma situação geradora de ansiedade, a criança à medida que vai crescendo adquira uma maior capacidade de lidar com as exigências externas, e também com a ansiedade.

Assim, o presente trabalho é constituído por quatro grandes partes: primeiro, um enquadramento teórico, onde é revista a história das provas projectivas no seu uso

clínico, especialmente na clínica infantil. A prova “Era uma vez...” será apresentada, na sua gênese e versão actual, assim como vão ser lembrados alguns dos estudos feitos com a prova, dos quais o trabalho de Pires (2001) terá um lugar de destaque, dada a pertinência para o presente trabalho. De seguida, serão enunciados os objectivos e as hipóteses de investigação deste projecto. Seguir-se-á uma descrição do método pelo qual a investigação se guiou, onde haverá uma caracterização dos participantes, serão explicados quais os procedimentos e procedimentos estatísticos utilizados, e será feita uma breve descrição do instrumento usado. Por fim, serão apresentados os dados e resultados obtidos, relativamente à Cena e sua posição na sequência em função da idade, assim como relativamente à Estratégia de Elaboração da Ansiedade em função da idade. Em forma de conclusão, serão abordadas questões a que o presente estudo não pôde responder, ou para as quais veio chamar a atenção.

## **I. Enquadramento Teórico**

### **I.1. As provas projectivas**

O uso de provas projectivas tem sido alvo de controvérsia ao longo dos últimos anos (Rabin, 1981). Um dos principais motivos para esta controvérsia está relacionado com o facto das expectativas associadas a este tipo de testes serem demasiado elevadas. Isto é, espera-se que as provas projectivas digam tudo sobre emoções, sentimentos, aspectos globais e específicos da personalidade, quando na realidade para fazê-lo dessa forma, esses testes falham nas suas propriedades psicométricas (Fagulha, 1992). Isto leva a que estas provas tenham sido alvo de estudo e de crítica desde que começaram a ser usadas (Fisher, 1967), sendo que o aparecimento da disciplina de Psicologia Clínica, orientada para a Avaliação e Diagnóstico da inteligência e da personalidade, veio aumentar a necessidade de instrumentos de avaliação específicos (Rabin, 1981).

Assim, Frank vem propor, nos anos 30 aquilo a que se iria chamar a *hipótese projectiva*, isto é, a ideia de que os sujeitos ao interpretarem um estímulo aparentemente ambíguo, ou vago, vão proceder a essa interpretação com base no seu mundo interno, dando uma resposta que será, portanto, reflexo da sua personalidade (Rabin, 1981). Esta ideia está subjacente a todas as provas projectivas, desenvolvidas desde então.

Rabin (1981) apresenta no seu trabalho a distinção feita por Lindzey sobre as provas projectivas. Segundo este, há cinco tipos de técnicas projectivas: provas de

associação, de construção, de completamento, de escolha/ordenação e de expressão. As provas de associação são provas nas quais perante um determinado estímulo, o sujeito deve responder com a primeira palavra ou acção que lhe ocorrer, um exemplo destas provas é o *Rorschach*; As provas de construção são provas em que o sujeito, a partir de uma situação-estímulo constrói uma imagem ou história, por exemplo como acontece no *Thematic Apperception Test* (TAT); As provas de completamento são provas em que o sujeito é convidado a responder a uma tarefa que deve ser um reflexo da sua forma de pensar, sentir e de se comportar, e o *Teste de Frustração de Rosenzweig* enquadra-se nesta categoria; As provas de ordenamento implicam que o sujeito selecione de um conjunto de estímulos, um ou mais, sendo que o *Teste de Szondi* é um exemplo deste tipo de prova; As técnicas expressivas são centradas no modo como o sujeito aborda a tarefa, e o modo como o sujeito consegue expressar-se e assim elaborar as suas experiências internas, encontrando um equilíbrio dinâmico (Pires, 2001). Destas últimas são exemplo o desenho e o brincar, e existe uma linha muito ténue entre a prática psicoterapêutica e a avaliação psicológica.

As provas projectivas de construção têm como pioneiro o *Thematic Apperception Test* (TAT), que se começou a utilizar nos anos 30, pelas mãos de Morgan e Murray (Murray, 1943/1981), e que consistia na apresentação de estímulos visuais ambíguos, aos quais o sujeito dava sentido, tendo por base a “hipótese projectiva” (Rabin, 1981). Nestas figuras, eram utilizadas figuras humanas, de adultos, em diferentes situações. Este teste projectivo veio permitir a criação de novos instrumentos, desta feita direccionados para a avaliação de crianças. Exemplos disso são o *Children Apperception Test* (CAT) (Bellak, 1971), o Pata Negra (Corman, 1961) e o *Blacky Pictures* (Blum, 1950).

### **I.1.1. As provas projectivas para crianças**

O TAT foi desenvolvido para a avaliação da personalidade de adultos e, por não existir nenhum outro instrumento que permitisse aceder como este a alguns aspectos da personalidade, começou a ser também utilizado na avaliação de crianças. No entanto, cedo se concluiu que esta prova não era a adequada para a população mais nova, visto utilizar imagens de personagens adultas e isso potenciar a activação de conflitos psicosexuais que, na criança, foram resolvidos à pouco tempo. A criança ainda não está

apta a lidar com estes estímulos, visto não possuir, ainda, defesas suficientemente maduras para lidar com esta excitação (Boekholt, 2000).

É neste contexto que surge o *Children Apperception Test* (CAT), uma prova em tudo semelhante ao TAT, mas com imagens de animais, com as quais os criadores da prova acreditam existir uma maior identificação. No entanto, o facto de serem imagens de animais permite às crianças uma distanciação que faz com que as problemáticas não suscitem pulsões e afectos menos desejáveis (Bellack, 1954/1971). Apesar de inspirado no TAT, o CAT difere daquele, visto ser uma prova constituída por 10 cartões estímulo, destinada a crianças dos 3 aos 10 anos. Em cada cartão a criança é convidada a contar uma história sobre o que vê, existindo, posteriormente, uma análise ao conteúdo manifesto e ao conteúdo latente. Na interpretação, não existe nenhuma referência a dados normativos, ou seja, a interpretação é feita com base na própria história de vida da criança, na análise às respostas dadas em cada cartão, e também na relação entre estas respostas (Bellack, 1954/1971).

A prova do Pata Negra surgiu em 1961, para crianças dos 4 aos 10 anos de idade. Nesta prova é apresentado um cartão inicial (o frontispício) com cinco porcos desenhados – três mais pequenos, um deles o “Pata Negra”, e dois porcos de maior dimensão. Neste cartão, a criança deve dizer ou caracterizar as personagens, e referir qual o seu grau de parentesco com a figura que escolhe como central. Depois, de entre 17 cartões a criança pode escolher alguns e com eles contar histórias, ou então organizá-los de modo a formar uma narrativa em sequência.

Numa segunda fase, é pedido à criança que faça uma selecção entre os cartões que mais e os que menos gostou. De seguida, a criança deve organizá-los por ordem de preferência, e dizer que personagem gostaria de ser nesse cartão. Surge então a colocação de uma série de questões sobre as personagens, que incidem sobre as suas características específicas, tais como os seus sentimentos, e projecção sobre o futuro. Por fim, é apresentada uma carta com uma fada, e é dada à criança a possibilidade de escolher três desejos.

Nesta prova, a relação entre a criança e o psicólogo sugere um ambiente no qual a criança tem a possibilidade de se exprimir de forma livre, visto não existirem linhas pelas quais a criança se deva guiar ao longo do tempo da prova (Corman, 1961). Boekholt (2000) diz, no entanto, que a última parte da prova, em que é pedido à criança que escolha quais as cenas preferidas e preteridas, e em que há um questionário sobre várias questões suscitadas pelas imagens e interacção dos animais, acaba por ser uma

forma de “coersão”, que oprime a criança, ao invés de a deixar num ambiente de liberdade de expressão, como é pretendido pelo autor da prova.

Outra prova projectiva, e à qual é importante fazer referência, é a prova *Blacky Pictures* (Blum, 1950), que utiliza como personagens uma família de quatro cães, um que representa a figura materna, outro a paterna, e outro a fraterna, além de Blacky, o cão que representa a personagem principal. Esta prova foca-se na temática do desenvolvimento psicosexual, mas a sua utilização não é exclusiva para crianças, podendo ser utilizada com adultos. Em termos de especificidade importa referir que a personagem é do sexo da criança a que a prova é aplicada, e existem 11 cartões nos quais algumas problemáticas são enunciadas, e onde é suposto contar-se uma história sobre o que está no cartão. O procedimento é semelhante ao que é utilizado na prova das Aventuras do Pata Negra (Corman, 1961), visto este ter sido inspirado na prova *Blacky Pictures*.

## **I.2. A prova “Era Uma Vez...”**

É no contexto das provas projectivas anteriormente utilizadas com crianças que surge a prova “Era uma vez...”. Esta foi utilizada pela primeira vez num estudo experimental na década de 80, depois publicado com o nome de “Estudo-piloto de um material semi-projectivo: Era uma vez...” em 1985, mas só em 1992, aquando da apresentação da dissertação de doutoramento da Professora Doutora Teresa Fagulha, é que é publicada na sua versão actual. Entre o primeiro estudo e a publicação final, foram feitas algumas alterações à estrutura da prova. Depois da sua publicação, tem sido amplamente utilizada na clínica e na avaliação psicológica infantil, sendo uma ferramenta para o estudo do modo como as crianças lidam com a ansiedade e também com o prazer (Fagulha, 2004).

### **I.2.1 A primeira versão da prova “Era uma vez...”**

A primeira versão da prova, apresentada em 1985, era composta por quatro cartões estímulos, que contavam a história de uma personagem, cujo sexo variava de acordo com o da criança a quem a prova era aplicada, e que foram designados de: (I) PASSEIO COM A MÃE, que representava um passeio da personagem com a mãe, em que esta se perde da figura materna; (II) PESADELO, em que a personagem é retratada a acordar a meio da noite com um pesadelo; (III) ESCOLA, uma situação de dificuldade

de aprendizagem experienciada na escola; e (IV) DIA DE ANOS, o dia de aniversário da personagem, em que pais e amigos lhe dão os parabéns, e existe um bolo de aniversário.

O psicólogo, sentado lado a lado com a criança, ia fazendo a apresentação dos cartões. Estes consistiam em três quadros de “banda desenhada”, dispostos ao longo de uma cartolina amarela colocada na horizontal, com desenhos a preto. Depois desse cartão, eram apresentados à criança nove cartões com cenas possíveis para completar a sequência do cartão-estímulo, com o mesmo grafismo, e era-lhe pedido que escolhesse três desses cartões para concluir a história à sua maneira. Estes nove cartões apresentavam soluções que se situavam ou no domínio da Fantasia, ou na Realidade ou na Ansiedade. No final, era apresentado um cartão-epílogo, no mesmo formato dos outros cartões, mas que representava uma forma de tranquilizar a criança relativamente à história inventada, de modo a não interferir com o episódio seguinte (Fagulha, 1992).

Esta prova foi aplicada no ano lectivo de 1983/1984, a 79 crianças de Lisboa, na zona escolar de Odivelas. Após a sua aplicação e análise de respostas dadas, foram feitas modificações à prova. Estas passaram por acrescentar à prova “Era uma vez” mais cartões-estímulo, inclusive um onde a criança pode falar livremente sobre a personagem. Foram ainda introduzidos elementos estandardizados, por exemplo, instruções específicas sobre as situações estímulo. Deste modo, a prova além de ser utilizada num contexto mais específico, na clínica, pôde ser estudada também na avaliação psicológica de um modo mais generalizado.

### **I.2.2. A versão actual da prova “Era uma vez...”**

Actualmente, a prova é constituída por sete cartões: o Cartão I – PASSEIO COM A MÃE, já presente na primeira versão; o Cartão II – DOENÇA, em que personagem fica doente, de cama; o Cartão III – PASSEIO À PRAIA, em que a criança vai com os pais até à praia e é confrontada com um grupo de crianças a brincar; o Cartão IV – PESADELO, já presente na prova original; o Cartão V – DIA DOS ANOS, já presente na prova original; o Cartão VI – BRIGA DOS PAIS, em que a personagem assiste a uma discussão entre os pais; e o Cartão VII – ESCOLA, já presente na anterior versão. Existe ainda um cartão de exemplificação da prova, o Cartão E – CARNAVAL, em que a criança vai até uma loja comprar artigos para uma festa de carnaval, e um Cartão Final, o RETRATO DO MENINO/A, em que a criança é convidada a falar

livremente sobre a personagem, dando-lhe um nome, escolhendo a história de que mais gostou e de que menos gostou, bem como inventar uma nova aventura para a personagem (Fagulha, 1992).

Existe uma Folha de Registo das Respostas, em que os cartões escolhidos e as respostas verbais dadas pela criança são anotados à medida que a prova decorre (Fagulha 1992;1997/2002). Posteriormente existe uma Folha de Análise de Respostas a ser preenchida pelo psicólogo, que é constituída por 87 itens, que se distribuem em quatro grandes áreas: (I) os primeiros 6 analisam a atitude da criança ao longo da prova; (II) os itens 7 a 27 analisam a sequência de cenas escolhida, assim como a característica das cenas escolhidas; (III) os itens 28 a 41 analisam a parte verbal da história, isto é, a história que a criança vai inventar a partir dos cartões escolhidos, designado por “Sequência da História”; e (IV) os itens 42 a 87 analisam os aspectos mais formais e de conteúdo, tais como a relação da personagem com o mundo dos adultos e dos pares, ou o grau de elaboração da narrativa (Fagulha, 2002/1997).

Cada um dos cartões representa uma situação estímulo, cinco deles situações que mais facilmente são geradoras de ansiedade (Fagulha, 1992), o Cartão I, o Cartão II, o Cartão IV, o Cartão VI e o Cartão VII. Existem ainda duas situações que representam um episódio que é mais associado a uma situação que gera prazer, o Cartão III e o Cartão V, apesar de poderem causar algum desconforto em casos pontuais (Fagulha, 1992; Fagulha, 2004).

A forma de resposta a cada situação-estímulo é feita de acordo com a prova inicialmente desenvolvida: a criança dispõe de nove cenas, e dessas, deverá escolher três, e colocá-las em sequência, para completar a história inicial, que é proposta pelo cartão-estímulo. As nove cenas são divididas em diferentes categorias: os cartões 1, 6 e 8 correspondem a uma resposta que envolve uma aceitação da realidade e uma tentativa realista para lidar com a situação sugerida pelo cartão-estímulo, pelo que correspondem a cenas designadas por R, de Realidade; os cartões 2, 4 e 9 correspondem a uma resposta à situação que está relacionada com um sentimento de ansiedade ou aflição, ou seja, em que a criança reflecte a ansiedade gerada pela história, e que se designam por A, de Aflição; e os cartões 3, 5 e 7 correspondem a uma solução através da fantasia e imaginação, e são designados por F, de Fantasia. (Fagulha, 1992). Dependendo das características específicas de cada cena, existe uma sub-divisão dentro das categorias da Fantasia e da Ansiedade. Na Fantasia, existe a referência à Fantasia Viável, em que a situação pode, de facto, acontecer mesmo, e a referência à Fantasia Mágica, que

corresponde a um tipo de situação possível apenas do ponto de vista do mundo interno da criança, relacionado com uma certa onipotência (Santos, 2006). As cenas de Aflição foram também divididas em cenas de Aflição e de Muita Aflição, em que a escolha da criança inclui um maior grau de intensidade de ansiedade expressa (Fagulha, 1997/2002).

A cada sequência de cenas escolhida pela criança corresponde um movimento interno que revela a elaboração emocional, e que pode englobar o recurso à fantasia, o reconhecimento da aflição ou da ansiedade, ou ainda uma procura de resolução realista. Este teste permite, assim, através da análise da sequência de cenas escolhidas, avaliar as respostas da criança, isto é, para perceber como esta elabora as emoções de ansiedade e de prazer, e ao mesmo tempo permite que a criança viva, numa relação com o psicoterapeuta, a elaboração dessas mesmas emoções, podendo ter um efeito terapêutico (Fagulha, 2008).

O psicólogo que aplica a prova tem uma atitude colaborante, utilizando sempre o discurso na primeira pessoa do plural, e tendo uma espécie de diálogo com a criança, em que a história é apresentada, e depois terminada, sucessivamente, sendo o espaço dos dois, em que um dá vez ao outro (Fagulha, 2004). Além da escolha de cenas propriamente dita, existe uma segunda fase, em que a criança é convidada a verbalizar a sua história, que poderá estar ou não directamente relacionada com as cenas escolhidas (Fagulha, 1992). Assim, a análise da prova pode basear-se na sequência das cenas escolhidas – qual a sua posição e em que categoria se incluem -, mas também nas respostas verbais da criança (Fagulha, 1992).

De acordo com o que já foi dito anteriormente sobre as provas projectivas (Rabin, 1981), a prova “Era uma vez...” pode ser vista como uma prova de completamento, no sentido em que a criança é convidada a completar a história iniciada por cada cartão, tendo a possibilidade de construir uma história, ao mesmo tempo que pode ser vista também como uma prova de ordenamento, visto que a criança seleciona, de entre as nove cenas, apenas três, com as quais escolhe continuar a história. Por fim, e visto que a prova não se destina apenas à avaliação e diagnóstico psicológico, mas é uma prova que tem como intuito a expressão e elaboração da ansiedade e prazer gerados pelos estímulos da prova, pode ser considerada como uma técnica expressiva.

### **I.2.3. Estudos com a prova “Era uma vez...”**

Desde a data da sua publicação que têm sido realizados inúmeros estudos com a prova “Era uma vez...”. Vários são os motivos na origem destes estudos. Um dos primeiros, e também dos mais importantes, foi o estudo das diferenças nas respostas dadas por crianças com problemas emocionais e sem problemas emocionais (Fagulha, 1994). Neste estudo foram comparadas as respostas à prova de crianças sem problemas emocionais, com as dadas por crianças com problemas emocionais (crianças agressivas, crianças ansiosas e crianças isoladas), no qual foi possível perceber que existem diferenças nas respostas dadas, nomeadamente na categoria da cena escolhida e a sua posição na sequência escolhida por crianças com e sem problemas emocionais. Dentro das crianças que apresentavam problemas emocionais, foram também encontradas diferenças nas respostas.

De destacar é também o estudo que teve como objectivo explorar as respostas ao cartão VII dadas por crianças com dificuldades de aprendizagem. Neste estudo, as crianças com dificuldades de aprendizagem recorreram mais à escolha de cenas de Fantasia na primeira posição, em contraponto com as sem dificuldades de aprendizagem, que têm a tendência para escolher cartões de Realidade nesta posição (Fagulha e Duarte Silva, 1996).

Os estudos com populações específicas e a sua resposta à prova “Era uma vez...” foram aumentando ao longo dos anos noventa, e início do século XXI. Exemplo disso é o estudo das respostas de um menino com HIV (Fagulha, 1999), assim como os estudos com crianças com Paralisia Cerebral (Fagulha, cit. em Fagulha, 2000), e com Deficiências Auditivas (Fagulha, Andersen e Gama, cit. em Fagulha, 2000). Destes estudos, percebeu-se, por exemplo, a presença dos mecanismos de negação nas respostas dadas por uma criança que é diariamente confrontada com algumas das problemáticas sugeridas pelos diversos cartões (e.g.: morte, perda de integridade física), e percebeu-se qual a utilidade da prova em contexto clínico (Fagulha, 1999).

Tentou-se também perceber a relação entre as respostas ao teste e as respostas a outras provas (e.g.: Gonçalves, 1997), nomeadamente o Teste de Szondi, com o qual uma situação específica da prova “Era uma vez...” mostra trazer ao de cima um dos vectores medidos no Teste de Szondi.

Estrada (2008) tentou estudar as respostas de fantasia à prova, em crianças de 5 e 6 anos. No seu estudo, propôs que algumas cenas de Muita Aflição pudessem ser

consideradas como cenas de Fantasia, pela sua natureza, assim como veio trazer novos entendimentos sobre o uso da fantasia como um recurso nas crianças de 5 e 6 anos de idade.

Um dos estudos mais recentes com a prova é o de Ribeiro (2011), que faz a comparação entre as respostas dadas pelas crianças, com dificuldades de aprendizagem, que decorrem, na sua maioria das vezes, de problemas emocionais, com as respostas dadas pela amostra do estudo (Fagulha, 1997). O estudo de Ribeiro (2011) compara, ainda, as estratégias de elaboração que estas crianças tendem a usar nas respostas à prova, com as estratégias utilizadas pela amostra do estudo de Pires (2001). Com este estudo, pode-se concluir que as crianças pertencentes à amostra da Casa da Praia tendem a terminar as suas histórias com menos cenas de Realidade, mesmo em idade mais avançada (10 e 11 anos), facto que pode estar relacionado com a sua história pessoal. Relativamente às Estratégias de Elaboração da Ansiedade, Ribeiro (2011) verificou que as crianças pertencentes à sua amostra tendem a usar mais a estratégia da Negação do que a Estratégia Adaptativa Operacional.

Outros estudos, considerados indispensáveis para a utilização da prova são os que tratam da validação através da comparação com critérios externos (Fagulha, 1992), e também os relacionados com a obtenção de normas para a população portuguesa (Fagulha, 1992; Fagulha, 1996). Os últimos estudos serão apresentados no seguinte subcapítulo, que será seguido por outro onde será feita uma breve apresentação do trabalho efectuado pela Dra. Rute Pires (2001). Nesse capítulo é enfatizado o seu trabalho, que trouxe bastante riqueza à prova “Era uma vez..”, definindo quatro estratégias de elaboração da ansiedade, que permitem fazer uma análise das respostas e perceber de que modo as crianças dispõem, ou não, de recursos para fazer face às situações geradoras de ansiedade, apresentadas ao longo da prova.

#### **I.2.4. Estudos para a obtenção de dados normativos**

No ano lectivo de 1985-1986 foi levado a cabo um estudo que tinha como objectivos: (I) estudar a reacção das crianças à prova “Era uma vez...”, para perceber se estas aderiam à tarefa, colaborando e participando de forma positiva e também perceber se as respostas eram variadas e não se cingiam a algumas cenas específicas; (II) perceber se as cenas escolhidas tinham o significado pretendido, ou se, em termos

verbais havia alteração; e (III) fazer uma análise de respostas, não só à análise das cenas escolhidas e a sua posição na sequência, o que já tinha sido feito anteriormente, como também uma análise à história verbalizada pela criança, o seu comportamento e atitudes que tem em relação à prova. Neste estudo participaram 162 crianças, que tinham entre os 5 e os 9 anos de idade (Fagulha, 1992).

Na análise das respostas, Fagulha (1992) pôde constatar que todas as cenas aos cartões foram escolhidas, e através das percentagens da escolha de cada cena em cada cartão é possível interpretar de uma forma diferente as respostas à prova, mais rica e com mais pormenor. Relativamente ao significado atribuído às cenas pelas crianças, este estudo também veio mostrar que é concordante com as intenções originais da prova. E, finalmente, os resultados permitiram chegar a um sistema de análise de respostas que se baseia na análise da atitude da criança face ao cartão estímulo, do tipo de cena escolhido e da sua respectiva posição na sequência, e na análise das histórias verbalizadas. Estas histórias são analisadas em relação ao seu conteúdo. Por exemplo, a forma como a criança se relaciona com os pares, e a forma, como a criança elabora a narrativa. Para este efeito foi criada a Folha de Análise de Resposta, cuja descrição já foi feita anteriormente.

Nos anos lectivos de 1986-1987 e 1987-1988, e na sequência do estudo do ano lectivo anterior, Fagulha (1992) voltou a debruçar-se sobre a prova “Era uma vez...”, desta vez com o intuito de estudar a sequência de cenas em cada cartão, avaliar o sistema de análise de respostas, a que tinha chegado no estudo anterior, e ver qual a capacidade discriminativa da prova quanto a crianças com características diferentes *a priori*. Este estudo contou com a participação de 275 crianças da grande Lisboa, com idades compreendidas entre os 6 e os 8 anos de idade (Fagulha, 1992). Ao sistema de análise das respostas foram retirados alguns itens, considerados inúteis na informação dada sobre a prova, que mais tarde foram novamente reavaliados, resultando em novos itens (Fagulha, 1994).

As respostas foram analisadas segundo o critério “categorias das cenas / posição na sequência” (Fagulha, 1992). A decisão de analisar as respostas segundo este critério baseia-se no facto deste ser mais objectivo e por ser bastante representativo dos itens que fazem parte do sistema de análise de respostas. Assim, tentou-se ver a frequência, e percentagem, de cada uma das categorias em que são divididas as cenas (Aflição, Fantasia e Realidade) por posição nos cartões da prova (1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup>). Este padrão permite que seja percebida a emoção que é despertada pelos diversos cartões (Pires, 2001), e a

organização dos mesmos permite perceber um pouco mais sobre o movimento interno implicado na elaboração da experiência emocional (Pires, 2001). Os resultados (Fagulha, 1992) vieram mostrar que, tal como se previa, os cartões que evocam situações geradoras de ansiedade (I, II, IV, VI e VII) vão dar origem a cenas de Aflição, e os cartões que evocam situações prazerosas vão dar origem a cenas onde a Realidade e a Fantasia são mais comuns.

Mais tarde, Fagulha (1997/2002) veio alargar o seu estudo relativamente às idades, numa investigação que envolveu 455 crianças, um grupo de 5 anos, outro de crianças dos 6 aos 8, outro de crianças com 9 anos, e finalmente um grupo com crianças de 10 e 11 anos. Este estudo veio mostrar que, regra geral, as crianças mais velhas lidam de uma forma mais adequada com a ansiedade provocada pelos itens da prova. Isto significa que as respostas de Realidade aumentam nos itens em que é necessário reconhecer a situação ansiogénica, ao passo que tende a ser menos comum encontrar cenas de Fantasia na primeira posição. Também a terceira posição sofre alterações, visto que existe um aumento das escolhas de cenas que se enquadram nas categorias de Fantasia e de Realidade, e uma diminuição da escolha de cenas de Aflição, reflexo de uma maturidade associada ao crescimento (Fagulha, 2000). Já nos cartões que geram emoções prazerosas (o III e o V) é notória a diminuição de escolha de cenas de Aflição, e o aumento de cenas de Realidade e de Fantasia (Fagulha, 1997; 2000).

### **I.2.5. Estratégias de Elaboração da Ansiedade**

O estudo sobre as estratégias de elaboração da ansiedade teve como estudo “embrionário” a investigação feita por Pires e Fagulha (1997), que se debruçou em perceber qual a relação entre o mecanismo de defesa Negação e as respostas à prova “Era uma vez...”, o que mais tarde veio dar origem à tese de mestrado de Rute Pires, publicada em 2001, e onde apresenta as quatro estratégias que representam as diferentes respostas possíveis à prova.

No primeiro estudo, as autoras (Pires & Fagulha, 1997), partiram da investigação previamente feita por Cramer (1991) sobre os mecanismos de defesa. Cramer (1987; 2009) já havia mostrado que a tendência, ao longo do crescimento, é que o uso da Negação como mecanismo de defesa seja cada vez menos frequente. Esta tendência pode não ser tão clara quando existem problemas de comportamento externalizados, no caso de pré-adolescentes. Nesta situação, a Negação serve como uma

forma de prevenir que a criança reconheça o descontrolo que tem relativamente ao seu comportamento (Cramer, 2009). A partir do seu trabalho feito sobre os mecanismos de defesa presentes no TAT (Cramer, 1996), Fagulha e Pires tentaram codificar as respostas da prova “Era uma vez...” de modo a que fosse possível identificar o mecanismo de negação nas respostas dadas à prova, assim como identificar o mecanismo da clivagem. Como referem (Pires & Fagulha, 1997), o mecanismo de Negação é característico de crianças mais novas, e o da Clivagem é característico de crianças com dificuldades emocionais.

No seu trabalho sobre as estratégias de elaboração da ansiedade na prova “Era uma Vez...”, Rute Pires (2001) começou por estudar as respostas à prova “Era uma vez...” em dois grupos distintos: um de crianças sem quaisquer problemas identificados, composta por 100 crianças, e outro, composto por 30 crianças, que tinham um problema psicológico reconhecido e estavam a ser seguidas pelo Serviço de Psicologia da Comissão de Protecção de Menores de Cascais, por fazerem parte de famílias destruídas e onde a violência física e psicológica era comum. Estas crianças tinham entre 6 e 10 anos de idade.

Pires (2001) propôs a existência de quatro modalidades face ao confronto da criança com uma situação ansiogénica. São elas, a *Negação*, a *Estratégia Adaptativa Operacional*, a *Estratégia com Equilíbrio Emocional* e a *Impossibilidade*.

Assim, quando a criança foge da situação ameaçadora, negando a ansiedade causada pela história, estamos perante uma estratégia de *Negação*. Esta fuga da criança vai fazer com que não exista o reconhecimento da emoção gerada pela situação estímulo, ao mesmo tempo que protege o seu mundo interno da ansiedade provocada pelo estímulo (Pires, 2001). O que mais caracteriza esta estratégia relativamente às cenas escolhidas na sequência da história, é o facto de a Fantasia ser usada como fuga ao reconhecimento dessa emoção, mesmo quando combinada com cenas de Aflição e Realidade. Tipicamente, as histórias em que existe uma estratégia de Negação, terminam em cenas de Fantasia. Esta estratégia é a única, das quatro, em que a criança não reconhece o afecto causado pelo cartão estímulo, existindo esse reconhecimento das restantes estratégias de elaboração da ansiedade (Pires, 2001).

Quando a criança é confrontada com a ansiedade, mas não consegue elaborá-la de forma adaptativa, estamos perante uma estratégia de *Impossibilidade*. Aqui, ao contrário do que acontece na Negação, existe um reconhecimento da emoção mais perturbadora desencadeada pela situação estímulo, mas existe uma falha na

operacionalização de uma solução que conduza a uma resolução adaptativa (Pires, 2001). Tipicamente, esta estratégia caracteriza-se por escolhas que terminam em cenas de Aflição, ou de Realidade, quando estas cenas não representam uma solução, mas uma constatação da emoção causada pela situação ansiogénica (Pires, 2001).

Quando, após o reconhecimento da ansiedade esta é resolvida através do recurso a estratégias de acção, falamos de uma *Estratégia Adaptativa Operacional*. Esta estratégia é caracterizada pela escolha de cenas de Realidade no final, combinadas com cenas de Aflição, mas que refletem sempre no seu conjunto uma resolução prática para a história trazida em cada cartão (Pires, 2001).

Por fim, quando existe o reconhecimento da ansiedade e o recurso à fantasia aliada à realidade para resolver a situação, referimo-nos ao uso de uma *Estratégia de Equilibração Emocional*. A criança vai utilizar, de uma forma criativa, as cenas que vai escolher para continuar a história de forma a fazer face à emoção perturbadora, recorrendo à fantasia, na área transicional da experiência (Winnicott, 1971/1975), aliando-a à realidade. As cenas escolhidas pela criança poderão pertencer a qualquer uma das categorias, que combinadas de forma específica poderão ser reflexo deste tipo de estratégia (Pires, 2001).

De acordo com os resultados do seu estudo, na população sem problemas psicológicos identificados, as estratégias de *Negação* e de *Impossibilidade* têm tendência a ser mais utilizadas por crianças mais novas, enquanto as *Estratégias Adaptativa Operacional* e de *Equilibração Emocional* vão sendo progressivamente mais utilizadas à medida que as crianças vão crescendo (Pires, 2001). As crianças com problemas psicológicos assinalados tendem a utilizar as mesmas estratégias usadas pelas crianças sem problemas identificados, registando-se, porém, um aumento da utilização da *Negação* e *Impossibilidade* nas crianças de 9 e de 10 anos de idade, em comparação com as crianças da mesma idade, do grupo sem problemas psicológicos. Isto vem alertar para a importância do apoio às dificuldades emocionais deste tipo de crianças, que parecem agravar-se com a idade (Pires, 2001).

Na sua tese de doutoramento, Santos (2006), tentou relacionar as Estratégias de Elaboração da Ansiedade com a escuta activa, e posterior desenho, de uma série de histórias e narrativas infantis, na “Hora do Conto”. Este estudo, longitudinal, teve dois momentos: no primeiro momento, as crianças responderam à prova “Era uma vez...”, quando frequentavam o ensino pré-escolar (quando tinham 5 anos) e posteriormente responderam novamente à prova, quando estavam no 2º ano de escolaridade (com 8

anos de idade). De uma amostra inicial de 31, apenas 22 crianças participaram nos dois momentos do estudo. Como conclusões, Santos (2006), pode verificar que as crianças que tinham estado presentes na “Hora do Conto” durante três anos, mostraram um grande aumento no uso da Estratégia de Equilíbrio Emocional, no qual o recurso à Fantasia é aliado a uma solução adaptativa da situação ansiogénica.

### **I.3. Teorias psicodinâmicas sobre o desenvolvimento infantil**

A prova “Era uma vez...”, tal como já foi visto nos capítulos anteriores, integra-se no quadro das provas projectivas, e tem como base teórica a *hipótese projectiva* (Rabin, 1981). Enquadra-se, ainda, no quadro das teorias psicanalíticas sobre a gestão das emoções na infância, e a sua utilização deve ser feita sempre à luz destas mesmas teorias. De seguida serão resumidas as ideias principais de Sigmund Freud, Melanie Klein e Donald Winnicott, que se debruçaram no estudo do desenvolvimento na infância, e cujo trabalho veio contribuir para uma mudança na visão da brincadeira prática clínica.

É importante referir a teoria de Freud sobre o brincar, visto ter sido este o primeiro a formular uma teoria que visa a compreensão do desenvolvimento da criança. Na sua publicação dos *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade* (Freud, 1905/2009) vai relacionar a não satisfação de impulsos sexuais com uma transformação da libido em ansiedade. Mais tarde, após alguns anos em que pôde reflectir sobre a ansiedade, Freud (1926/2005) veio modificar a sua teoria, passando a defender a ideia de que a ansiedade em vez de ser provocada pela repressão é a origem dessa mesma repressão. Assim, a ansiedade é vista como uma forma de defesa do *Ego* contra as pulsões do *Id*. Para Freud (1926/2005), a ansiedade, enquanto “estado afectivo” está sempre ao serviço do *ego*, e entra em activação quando existe um perigo real ou sentido pelo sujeito como perigo no seu mundo interno. Essa activação vai ser uma reprodução daquilo a que Freud (1926/2005) denominou por ansiedade primária, ou seja, a ansiedade decorrente do sofrimento associado à separação da mãe no nascimento, face ao qual a criança é impotente, e posteriores vivências ansiosas ao longo da vida. Este sinal, que é dado pela ansiedade ao *Ego*, acaba por treinar o sujeito, levando a um crescimento psicológico e evolução nas defesas utilizadas. No entanto, Freud explica que as defesas apenas são importantes na infância, para que possa existir uma estruturação do *Ego*, sendo que na

vida adulta devem ser abandonadas, mostrando um funcionamento psicopatológico (Freud, 1937/1978).

Outra das contribuições de Freud prende-se com a importância que deu à actividade do brincar, no seu aspecto mais simbólico (Freud, 1920/2009). A sua posição tornou-se clara quando relatou o brincar do pequeno Hans, que escondia e voltava a aparecer o seu carrinho de linhas de brincar. Freud (1920/2009) interpretou esta brincadeira como uma forma de este gerir a ausência da sua mãe, representando no exterior um conflito seu interior, no qual passa de uma postura passiva a uma postura de controlo sobre o seu brincar.

Melanie Klein (1932/1975) propõe que o desenvolvimento se vai organizar com base em duas posições: a *posição esquizoparanoide* e a *posição depressiva*. Na primeira predomina a clivagem do *Ego* e dos objectos (e.g: o seio bom e o seio mau), e também uma grande ansiedade, a que Klein chamou de *ansiedade persecutória*, contra os elementos sentidos como destruidores. Contudo, os processos de Idealização do bom objecto, de Identificação Projectiva, quando a criança projecta partes boas do *self* no objecto, permitem a passagem para a seguinte posição de desenvolvimento. Na *posição depressiva*, passa a existir um objecto sentido como total e integrado, mas pelo qual a criança tem sentimentos ambivalentes, o que faz com que exista o medo da perda objectal, e consequente ânsia para recuperá-lo. Esta posição é dominada por uma ansiedade considerada depressiva.

Como se pode verificar, a ansiedade tem um papel muito importante na teoria defendida por Melanie Klein. No seu entender, a ansiedade tem uma função de defesa, aparecendo associada aos mecanismos de defesa, que tentam proteger o *Ego* da ansiedade imediata (Klein, 1932/1975). À medida que vão crescendo, os sujeitos vão utilizando cada vez mais defesas adequadas, e eficazes face às situações, e quando isto não acontece, pode dar origem à psicopatologia (Klein, 1932/1975).

Melanie Klein defendeu, também, a psicanálise com crianças. Segundo ela (Klein, 1932/1975), a criança transfere para a brincadeira com o psicoterapeuta parte das suas ansiedades e conflitos internos. Isso faz com que seja possível aceder ao mundo interno destas através da brincadeira, que serve, então, como uma forma de comunicação entre criança e terapeuta (Klein, 1980).

No seu livro intitulado *O brincar e a realidade* (1971/1975), Winnicott apresenta as suas ideias sobre o Objecto e Fenómeno Transicional. Estes conceitos são fundamentais no entendimento da sua teoria, que defende que a relação vivida na díade

vai fundamentar todo o processo de desenvolvimento psicológico e emocional. Numa fase inicial, que Winnicott (1986) designou por fase de *dependência absoluta*, a criança e a mãe estão em perfeita sintonia – a mãe suprime todas as necessidades do bebê, o que faz com que este crie a confiança num mundo que lhe pode, de igual modo, satisfazer os desejos e necessidades. A mãe, para responder aos desejos do bebê, deve fazer uso da fantasia, existindo uma dupla ilusão, na díade, sendo que o bebê sente a mãe como fazendo parte de si próprio. Porém, a mãe não se consegue adaptar perfeitamente durante muito tempo, o que faz com que comece a falhar, não conseguindo sempre antecipar as necessidades do seu filho. Surge então uma segunda fase, de *dependência relativa*, na qual a criança começa a perceber que a mãe não está sempre presente, e é nesses períodos de ausência que a criança começará a perceber e a sentir a sua própria existência. Esta diferenciação entre mãe e bebê vai dar espaço a que exista um meio de comunicação para que a criança possa expressar as suas necessidades (e.g.: choro), que significará, em última instância, o aparecimento da linguagem (Winnicott, 1986). Para que exista uma aceitação, por parte da criança, desta situação, é necessário que a mãe seja “*suficientemente boa*”, que, após a primeira fase de adaptação total consegue ir percebendo o grau de frustração do seu filho face à sua ausência, criando uma desilusão que deve ser gradual.

O que vai permitir ao bebê suportar a diferenciação relativamente à sua mãe é o acesso a uma “*área transicional*”, que consiste numa ponte entre a realidade interna, vivenciada pela criança, e a realidade externa, de ausência e solidão (Winnicott, 1971/1975). A criança consegue, através da fantasia, da criatividade e ilusão, manter a ilusão de onipotência, dada pela mãe no início de vida. Para isto, a criança vai recorrer a um *objecto transicional*, que é um “*não-eu*”, no qual vai poder fazer a passagem entre o mundo externo e interno, e ao mesmo tempo dar um sentido de continuidade nos momentos de privação e ausência materna. Este objecto é tipicamente macio, e é nele que a criança vai projectar as suas necessidades de amor ou de agressividade, devendo ser substituído ou eliminado pela criança.

A brincadeira, surge, para Winnicott (1971/1975) como o meio privilegiado para aceder à “*Área Transicional*”. A criança brinca de acordo com as suas necessidades, e das suas próprias características, podendo lidar com a ansiedade, porque, para Winnicott “brincar é fazer” (Winnicott, 1971/1975, p. 63). Assim, cabe ao terapeuta a tarefa de dar à criança o espaço adequado para esta poder criar, imaginar, brincar, e deste modo lidar com as suas emoções mais perturbadoras, em conjunto com ele (Winnicott, 1971/1975).

## II. Objectivos e Hipóteses

### II.1. Objectivos do estudo

Objectivo Geral 1: Estudar a categoria da cena escolhida e qual a sua colocação na sequência.

*Objectivo específico:* Verificar se a categoria da cena escolhida e a sua sequência nos cartões varia de acordo com a idade, e como varia.

Objectivo Geral 2: Estudar as Estratégias de Elaboração de Ansiedade, já estudadas por Pires (2001).

*Objectivo específico:* A partir da amostra, definir se existe um tipo de estratégia mais utilizada, e se os tipos de estratégias de elaboração da ansiedade mostram diferenças significativas nas diferentes faixas etárias.

### II.2. Hipóteses do Estudo

As hipóteses do presente estudo baseiam-se no enquadramento teórico, e são propostas na sequência da apresentação dos Objectivos do estudo.

#### *Hipótese 1:*

Relativamente às escolhas de categoria, por cena, e sua posição na sequência, espera-se que as crianças mais velhas escolham cenas que revelem o reconhecimento de uma situação geradora de ansiedade, no caso dos cartões-estímulo em que isso é pretendido, revelando, também, capacidades mais adaptativas na resolução das histórias, resolvendo-as. Quanto às situações causadoras de prazer, face a estas, as crianças tenderão a responder com respostas que revelarão uma crescente adaptação social. De certo modo, esperam-se resultados semelhantes aos decorrentes dos estudos com a amostra de aferição (Fagulha, 1992; 1997/2002).

Assim, podemos prever que:

#### Hipótese 1a:

À medida que vão crescendo, a tendência das crianças é que, nas histórias que suscitam sentimentos de ansiedade, a sua escolha para terminar a sequência recaia em cenas de Realidade.

*Hipótese 1b:*

As crianças mais velhas escolhem iniciar as histórias que geram ansiedade com cenas de Aflição, num movimento que mostra o reconhecimento do sentimento gerado pelo cartão-estímulo.

*Hipótese 1c:*

Existe uma progressiva escolha, nas histórias que geram prazer, de cenas de Realidade em todas as posições da sequência.

*Hipótese 1d:*

Existe um decréscimo na escolha de cenas de Aflição, no desfecho de cartões que induzem situações mais agradáveis.

*Hipótese 1e:*

Existe uma tendência para que as crianças mais velhas usem, nas suas histórias, menos cenas de Fantasia, quando compactadas com crianças mais novas.

*Hipótese 2:*

À medida que a idade vai aumentando, a tendência natural é que as Estratégias de Elaboração da Ansiedade (Pires, 2001) mais escolhidas sejam a Estratégia Adaptativa Operacional (EAO) e a Estratégia de Equilibração Emocional (EEE), e que a Impossibilidade e Negação vão sendo progressivamente menos utilizadas.

### **III. Método**

#### **III.1. Instrumento**

O único instrumento utilizado para a realização deste estudo foi a prova projectiva “Era uma vez...” (Fagulha, 1992). Este instrumento consiste na apresentação de sete cartões que representam situações estímulo, vivenciadas por uma personagem, e cujo desenlace é escolhido e imaginado pelo participante, sendo um complemento de histórias. Esta prova dispõe de normas para a população portuguesa (Fagulha, 1997/2002).

### III.2. Participantes

Os participantes deste estudo fazem parte de uma base de dados, disponibilizada pela Professora Doutora Teresa Fagulha no ano de 2011. Esta base de dados é constituída por crianças que frequentam a escola do ensino público e privado de vários locais do país, com idades compreendidas entre os 5 e os 11 anos, do sexo feminino e masculino.

Relativamente à distribuição por sexo, 52,75% das crianças são do sexo feminino, e 47,25% do sexo masculino. A faixa etária mais representada é a dos 7 anos, que representa 21,75% da amostra, seguida pelas crianças de 6 anos, que representam 19,50%, e das de 8 anos, que constituem 16% da amostra. As crianças menos representadas são as de 5 anos, com apenas 12,25% de prevalência na amostra. A média de idades dos participantes é de 7,515, com um desvio-padrão de 1,671 (para uma informação mais detalhada, ver o Quadro 1).

#### Quadro 1

Caracterização da amostra, em frequências, em função da idade e sexo

		Idade (em anos)						Total
		5	6	7	8	9	10 - 11	
Sexo	Masculino	27	34	37	31	25	35	189
	Feminino	22	44	50	33	35	27	211
Total		49	78	87	64	60	62	400
		Média			Desvio-padrão			
		7,515			1,671			

### III.3. Procedimento

Os protocolos utilizados para o presente estudo fazem parte integrante de uma base de dados, na posse da Professora Doutora Teresa Fagulha. Estes foram recolhidos ao longo dos últimos 10 anos por diversos psicólogos, em várias zonas do país. Para a recolha dos dados foi necessário o consentimento da escola e dos encarregados de educação.

### **III.4. Procedimento Estatístico**

De modo a poder analisar a base de dados disponibilizada pela Professora Doutora Teresa Fagulha, recorreu-se a estatística descritiva. Esta foi utilizada de modo a responder aos objectivos e hipóteses formulados: foram determinadas as frequências e posteriores percentagens nas respostas aos vários itens da prova “Era uma vez...”, por idade. Foram determinadas as frequências e percentagens do uso das estratégias de elaboração da ansiedade, no geral e por idade.

Relativamente à escolha de cenas por posição na sequência, o estudo apenas visava a análise de frequências, visto não existir nenhum estudo com o qual a presente amostra possa ser comparada, pelo facto de as faixas etárias dos 6, 7 e 8 anos aparecerem, pela primeira vez, discriminadas.

Foi utilizado o teste não-paramétrico do Qui-quadrado para os dados relativos à frequência de escolha de estratégias de elaboração da ansiedade, por cartão, visto ser possível proceder a uma comparação entre os valores obtidos pelo estudo, e os obtidos pelo estudo de Pires (2001).

Todos os procedimentos estatísticos acima referidos foram realizados com a ajuda do programa estatístico PASW Statistics 18.

## **IV. Apresentação e Discussão de Resultados**

Neste capítulo, proceder-se-á à apresentação dos resultados, de acordo com os objectivos do presente estudo. Primeiro, serão apresentados e discutidos os resultados da amostra relativamente à escolha de categoria por posição na sequência, por idade, de modo a que possa ser feita uma comparação com os dados normativos, publicados no manual da prova (Fagulha, 1997/2002). Depois, as estratégias de elaboração da ansiedade serão apresentadas e discutidas, assim como a análise por idade e por cartão. Estes resultados serão comparados com os resultados da investigação de Pires (2001), com a população sem problemas psicológicos identificados. Por fim, será feita uma discussão, onde todos os resultados serão integrados.

### **IV.1. Apresentação e Discussão dos Resultados**

#### IV.1.1. Diferenças nas respostas aos cartões, por posição, nas diferentes idades

Os Quadros apresentados no presente sub-capítulo que se referem à análise da escolha de categorias, por posição, relativos a cada cartão (de forma individual) dispõem de um gráfico de barras, representativo da evolução dos dados, que está disponível para consulta em Anexo.

#### Quadro 2

Percentagem da escolha de categorias, por posição, em todos os cartões

Cenas / Posição	Amostra do Estudo						
	Cartão I	Cartão II	Cartão III	Cartão IV	Cartão V	Cartão VI	Cartão VII
1ª Aflição	48,5	44,5	17,3	71,5	17,8	26,5	32,5
1ª Fantasia	18,3	16,5	28,7	12,2	29,5	25,5	15,8
1ª Realidade	33,2	39,0	54,0	16,3	52,7	48,0	51,7
2ª Aflição	40,0	38,2	25,0	43,8	20,2	47,0	40,5
2ª Fantasia	24,8	24,3	32,3	34,5	40,8	30,8	20,7
2ª Realidade	35,2	37,5	42,7	21,7	39,0	22,2	38,8
3ª Aflição	21,5	35,5	26,2	29,5	22,5	32,7	32,5
3ª Fantasia	33,3	43,3	41,3	42,0	37,5	47,8	30,0
3ª Realidade	45,2	21,2	32,5	28,5	40,0	19,5	37,5

No Quadro 2 podemos verificar quais as categorias de cenas mais escolhidas, por cartão. Na primeira posição da sequência, destaca-se a escolha no Cartão IV, que remete para uma situação de pesadelo nocturno, na qual 71,5% das 400 crianças escolheram uma cena de Aflição. Outra das respostas que tem muita representatividade é, no sétimo cartão, a escolha da Realidade (51,7%). Relativamente à segunda posição na sequência, não existe nenhuma categoria que se destaque, tal como acontece na amostra normativa de Fagulha (1997/2002). No que toca à terceira posição na sequência, não existe, também nenhuma escolha que se destaque. Contudo, no estudo de Teresa Fagulha (1997/2002), o destaque vai para a escolha da Fantasia como cena final para concluir a história do terceiro cartão, o que não acontece no presente estudo.

Ainda em relação à primeira posição nos cartões geradores de situações prazerosas (Cartões III e V), constata-se que mais de metade dos participantes escolhem uma cena de Realidade.

### Quadro 3

Percentagem da escolha de categorias, por posição, em função da idade, para o Cartão I

Cenas / Posição	Amostra do Estudo					
	5 anos n=49	6 anos n=78	7 anos n=87	8 anos n=64	9 anos n=60	10 - 11 anos n=62
1ª Aflição	34,7	42,3	47,1	45,3	53,3	67,7
1ª Fantasia	26,5	23,1	24,1	15,6	13,3	4,8
1ª Realidade	38,8	34,6	28,7	39,1	33,3	27,4
2ª Aflição	36,7	39,7	46,0	37,5	41,7	35,5
2ª Fantasia	28,6	33,3	19,5	28,1	23,3	16,1
2ª Realidade	34,7	26,9	34,5	34,4	35,0	48,4
3ª Aflição	16,3	28,2	29,9	25,0	10,0	12,9
3ª Fantasia	42,9	32,1	31,0	32,8	38,3	25,8
3ª Realidade	40,8	39,7	39,1	42,2	51,7	61,3

No Cartão I, um cartão que remete para a angústia associada à perda materna, pode-se verificar que as crianças com cinco anos têm tendência a terminar as suas histórias com cenas de Fantasia, enquanto as crianças dos 6 aos 11 anos tendem a escolher cenas de Realidade para terminar a história, de uma forma progressiva e mais notória com o aumento da idade. A escolha de cenas de Aflição na primeira posição da sequência tem um aumento com a idade, de bastante destaque, sendo que 67,7% das crianças com 10 - 11 anos escolhem uma cena desta categoria para iniciar a história. Relativamente à segunda posição na sequência, é de destacar a diminuição das estratégias de Fantasia, ao mesmo tempo que existe um aumento nas estratégias de Realidade. As percentagens de escolha de categoria de cena, por posição, das diferentes idades na resposta ao Cartão I (Passeio com a Mãe), encontram-se no Quadro 3.

À medida que crescem, a tendência das crianças é a de escolherem mais cenas de Realidade e menos cenas de Fantasia. Isto vai de acordo com o estudo da amostra de aferição, sendo que neste estudo podemos verificar que a evolução é progressiva (Fagulha, 1997/2002).

#### Quadro 4

Percentagem da escolha de categorias, por posição, em função da idade, para o Cartão II

Cenas / Posição	Amostra do Estudo					
	5 anos n=49	6 anos n=78	7 anos n=87	8 anos n=64	9 anos n=60	10 - 11 anos n=62
1ª Aflição	55,1	34,6	52,9	45,3	46,7	33,9
1ª Fantasia	12,2	28,2	19,5	14,1	11,7	8,1
1ª Realidade	32,7	37,2	27,6	40,6	41,7	58,1
2ª Aflição	36,7	47,4	41,4	34,4	38,3	27,4
2ª Fantasia	28,6	23,1	20,7	26,6	28,3	21,0
2ª Realidade	34,7	29,5	37,9	39,1	33,3	51,6
3ª Aflição	28,6	39,7	34,5	46,9	35,0	25,8
3ª Fantasia	34,7	28,2	50,6	34,4	53,3	58,1
3ª Realidade	36,7	32,1	14,9	18,8	11,7	16,1

Tal como pode ser visto no Quadro 4, no segundo cartão, cujo conteúdo remete para uma situação de ansiedade relacionada com a perda de integridade física, e em última instância com uma situação de morte, grande parte das crianças do presente estudo escolheram iniciar a primeira posição da sequência com uma cena de Aflição. No entanto, a sequência foi iniciada com uma cena de Realidade por mais de metade das crianças com 5, 10 - 11 anos. Em todas as idades foi verificado que as cenas menos escolhidas para iniciar a primeira sequência foram as de Fantasia, reduzindo-se drasticamente com o crescimento da criança.

Relativamente à segunda posição na sequência, as cenas mais escolhidas enquadram-se na categoria de Aflição para as crianças de 5, 6, 7 e 9 anos, e na categoria de Realidade para as crianças de 8 anos (39,1%) e de 10 - 11 anos (51,6%). Ou seja, as crianças de 10 - 11 anos mostram uma tendência mais vincada na escolha desta cena. Na escolha da última sequência, três grupos etários escolheram terminar a história com uma cena de Fantasia – as crianças de 7 anos, as de 9 anos, e as de 10 - 11 anos. As crianças de 6 anos e as de 8 anos escolheram terminar a história com cenas de Aflição. Por fim, as crianças com 5 anos foram as únicas a terminar com cenas de Realidade.

Estes resultados vêm de encontro aos resultados da amostra de aferição (Fagulha, 1997/2002), nomeadamente no que respeita à escolha de cenas de Realidade para iniciar a sequência, nas crianças mais velhas, e na escolha de cenas de Aflição pelas crianças das restantes idades, além da baixa percentagem de escolha de Fantasia na primeira posição da sequência. No que toca à última escolha, também na amostra de

Fagulha (1997/2002) as crianças mais velhas (10 - 11 anos) escolhem marcadamente cenas de Fantasia, tendência que se verificou também no presente estudo. Esta escolha de cenas de Fantasia neste cartão pode estar relacionada com o facto de uma doença ser algo face ao qual a criança não pode reagir e resolver sozinha, recorrendo, por isso, a cenas de Fantasia, cada vez mais à medida que vai evoluindo e crescendo (Fagulha, 1997/2002).

### Quadro 5

Percentagem da escolha de categorias, por posição, em função da idade, para o Cartão III

Cenas / Posição	Amostra do Estudo					
	5 anos n=49	6 anos n=78	7 anos n=87	8 anos n=64	9 anos n=60	10 – 11 anos n=62
1ª Aflição	14,3	20,5	9,2	20,3	18,3	22,6
1ª Fantasia	32,7	30,8	37,9	23,4	26,7	17,7
1ª Realidade	53,1	48,7	52,9	56,3	55,0	59,7
2ª Aflição	30,6	28,2	21,8	17,2	28,3	25,8
2ª Fantasia	32,7	30,8	40,2	34,4	25,0	27,4
2ª Realidade	36,7	41,0	37,9	48,4	46,7	46,8
3ª Aflição	24,5	30,8	35,6	29,7	20,0	11,3
3ª Fantasia	53,1	51,3	34,5	40,6	33,3	37,1
3ª Realidade	22,4	17,9	29,9	29,7	46,7	51,6

Tal como é indicado no Quadro 5, no terceiro cartão, que remete para uma situação geradora de prazer na criança, relacionada com o convívio com o grupo de pares, que pode, por sua vez, causar alguma ansiedade à criança, as respostas dadas na primeira e na segunda sequências são unânimes, sendo que a maior parte das crianças de todas as idades escolhem cenas de Realidade para continuar a história sugerida pelo cartão, com excepção das crianças de 7 anos, que na sua maioria escolheram na segunda sequência cenas de Fantasia (40,2%). Na última sequência, as crianças de 5, 6 e 8 anos escolheram cenas de Fantasia, as de 7 anos escolheram terminar a história com cenas de Aflição (35,6% das crianças escolheram cenas de Aflição na terceira posição, seguidas por 34,5% que escolheram terminar a história com uma cena de Fantasia). As crianças mais velhas, com 9 e 10 - 11 anos escolheram terminar a sua história com cenas de Realidade.

Os resultados obtidos no presente cartão, vão de encontro aos resultados descritos por Fagulha (1997/2002). Tal como seria de esperar, neste cartão, a tendência

de escolhas recai sobre cenas de Fantasia e de Realidade, pela natureza do cartão. Com o avançar da idade, as cenas de Aflição tendem a ser menos escolhidas, o que vai de acordo com o fenómeno que pode ser observado na amostra do presente estudo.

### Quadro 6

Percentagem da escolha de categorias, por posição, em função da idade, para o Cartão IV

Cenas / Posição	Amostra do Estudo					
	5 anos n=49	6 anos n=78	7 anos n=87	8 anos n=64	9 anos n=60	10 – 11 anos n=62
1ª Aflição	53,1	70,5	75,9	78,1	76,7	69,4
1ª Fantasia	16,3	14,1	13,8	6,3	10,0	12,9
1ª Realidade	30,6	15,4	10,3	15,6	13,3	17,7
2ª Aflição	36,7	44,9	37,9	53,1	41,7	48,4
2ª Fantasia	36,7	37,2	37,9	32,8	35,0	25,8
2ª Realidade	26,5	17,9	24,1	14,1	23,3	25,8
3ª Aflição	30,6	41,0	34,5	26,6	23,3	16,1
3ª Fantasia	46,9	37,2	42,5	48,4	43,3	35,5
3ª Realidade	22,4	21,8	23,0	25,0	33,3	48,4

No quarto cartão, cujo conteúdo remete para os pesadelos durante a noite, e a aflição associada a estas vivências nocturnas, a esmagadora maioria das crianças escolheram continuar a história com cenas de Aflição. Esta escolha torna-se progressivamente mais forte nas crianças a partir dos 6 anos. Na segunda posição existe uma tendência para que todos escolham cenas de Realidade, que vai sendo cada vez mais marcada à medida que a idade vai aumentando, tornando-se uma escolha mais evidente nas crianças a partir dos 8 anos de idade. Na última posição, destaca-se a escolha das crianças de 10 - 11 anos, que escolhem cenas de Realidade (48,4%), sendo que a escolha das crianças é o desfecho com cenas de Fantasia (excepto as crianças de 6 anos, que terminam a história com cenas de Aflição). As percentagens de escolha de categoria de cena, por posição, das diferentes idades na resposta ao Cartão IV (Pesadelo), podem ser verificadas no Quadro 6.

Estes resultados vão de encontro aos da população da amostra de aferição (Fagulha, 1997/2002), e clarificam a evolução entre os 6 e os 8 anos, idades em que podemos ver a evolução das escolhas para terminar a sequência, constatando-se a escolha de cenas de Realidade em detrimento de cenas de Aflição e aumento progressivo de escolhas de Aflição para iniciar a narrativa.

## Quadro 7

Porcentagem da escolha de categorias, por posição, em função da idade, para o Cartão V

Cenas / Posição	Amostra do Estudo					
	5 anos n=49	6 anos n=78	7 anos n=87	8 anos n=64	9 anos n=60	10 – 11 anos n=62
1ª Aflição	36,7	19,2	19,5	17,2	10,0	6,5
1ª Fantasia	32,7	30,8	32,2	28,1	30,0	22,6
1ª Realidade	30,6	50,0	48,3	54,7	60,0	71,0
2ª Aflição	30,6	32,1	25,3	10,9	10,0	9,7
2ª Fantasia	38,8	35,9	36,8	48,4	43,3	43,5
2ª Realidade	30,6	32,1	37,9	40,6	46,7	46,8
3ª Aflição	28,6	30,8	25,3	23,4	13,3	11,3
3ª Fantasia	32,7	39,7	39,1	32,8	41,7	37,1
3ª Realidade	38,8	29,5	35,6	43,8	45,0	51,6

Tal como é possível verificar no Quadro 7, ao quinto cartão, cujo conteúdo remete para uma situação prazerosa, na qual a personagem faz anos, fazendo menção a tudo quanto está incluído numa festa de anos – prenda, bolo, brincadeiras -, todas as crianças, à exceção das de 5 anos, iniciam a história com uma cena de Realidade. Na segunda posição, existe uma tendência para a escolha de cenas de Fantasia, sendo que se nota, a partir dos 9 anos, uma prevalência de escolha de cenas de Realidade. Na última posição, há uma tendência para terminar a história também com cenas de Realidade, cada vez mais vincada a partir dos 8 anos de idade.

Este é um cartão cujas respostas tendem a ser de Realidade e de Fantasia, em praticamente todas as posições da sequência (Fagulha, 1997/2002), assim como também existe uma tendência para que as escolhas de cenas de Aflição diminuam consideravelmente, o que se veio a comprovar na amostra em estudo.

## Quadro 8

Porcentagem da escolha de categorias, por posição, em função da idade, para o Cartão VI

Cenas / Posição	Amostra do Estudo					
	5 anos	6 anos	7 anos	8 anos	9 anos	10 – 11 anos
	n=49	n=78	n=87	n=64	n=60	n=62
1ª Aflição	20,4	21,8	26,4	26,6	21,7	41,9
1ª Fantasia	44,9	37,2	28,7	17,2	16,7	8,1
1ª Realidade	34,7	41,0	44,8	56,3	61,7	50,0
2ª Aflição	38,8	35,9	47,1	50,0	56,7	54,8
2ª Fantasia	34,7	39,7	33,3	25,0	25,0	24,2
2ª Realidade	26,5	24,4	19,5	25,0	18,3	21,0
3ª Aflição	22,4	28,2	31,0	39,1	36,7	38,7
3ª Fantasia	53,1	48,7	43,7	45,3	48,3	50,0
3ª Realidade	24,5	23,1	25,3	15,6	15,0	11,3

No Quadro 8 pode-se verificar a distribuição das respostas ao sexto cartão da prova. Este, que apresenta uma discussão entre os pais da personagem, vai despoletar o medo da separação do casal por parte da criança. Neste cartão, excepto as crianças de 5 anos, que escolheram iniciar a história com cenas de Fantasia, a história foi iniciada, essencialmente, com cenas de Realidade. É importante realçar que as cenas de Aflição foram aumentando na primeira posição, sendo que 41,9% das crianças de 10 e 11 anos iniciaram a história com uma cena desta categoria. Na segunda posição, as cenas escolhidas foram de Aflição. No entanto, as crianças de 6 anos escolheram, na sua maioria, cenas de Fantasia. Na última posição, a escolha com mais percentagem foi a mesma para todas as idades – a maior parte das crianças terminou esta história escolhendo cenas de Fantasia.

Neste cartão, a amostra do estudo de aferição (Fagulha, 1997/2002) caracteriza-se por um aumento de cenas de Realidade na primeira posição, o que só acontece, neste estudo, até aos 9 anos de idade, assim como uma diminuição das cenas de Fantasia nesta posição, o que se pode verificar no presente estudo. Quanto à segunda posição, nos dois estudos existe a tendência para que as cenas de Aflição vão sendo progressivamente as mais escolhidas, em detrimento das cenas de Fantasia. Em relação à última posição, nos dois estudos as tendências são semelhantes, a de escolha de cenas de Fantasia.

## Quadro 9

Porcentagem da escolha de categorias, por posição, em função da idade, para o Cartão VII

Cenas / Posição	Amostra do Estudo					
	5 anos	6 anos	7 anos	8 anos	9 anos	10 - 11 anos
	n=49	n=78	n=87	n=64	n=60	n=62
1ª Aflição	18,4	34,6	39,1	32,8	40,0	24,2
1ª Fantasia	36,7	19,2	25,3	10,9	0,0	1,6
1ª Realidade	44,9	46,2	35,6	56,3	60,0	74,2
2ª Aflição	49,0	42,3	33,3	40,6	40,0	41,9
2ª Fantasia	26,5	33,3	25,3	17,2	10,0	8,1
2ª Realidade	24,5	24,4	41,4	42,2	50,0	50,0
3ª Aflição	26,5	37,2	33,3	46,9	28,3	19,4
3ª Fantasia	44,9	33,3	41,4	17,2	15,0	25,8
3ª Realidade	28,6	29,5	25,3	35,9	56,7	54,8

No sétimo, e último cartão, que coloca a problemática das dificuldades na aprendizagem como factor gerador de ansiedade à criança, a maioria das crianças da amostra começaram por escolher iniciar a história com cenas de Realidade, sendo que esta tendência é progressivamente mais notória a partir dos 8 anos, idade com a qual mais de metade das crianças da presente amostra escolheu essa cena para iniciar a história. Na segunda posição, podemos verificar que as crianças de 5 e 6 anos escolhem cenas de Aflição, e que depois, a partir dos 7 anos, as cenas mais escolhidas são de Realidade. As crianças dos 9 aos 11 anos escolhem, essencialmente, cenas de Realidade, enquanto as mais novas terminam esta história com cenas de Fantasia e Aflição. Chama-se a atenção para o facto de nenhuma criança de 9 anos ter escolhido cenas de Fantasia para iniciar a história deste cartão, como se pode observar através do Quadro 9.

Tal como seria de esperar (Fagulha, 1997/2002), a tendência é a de que, a frequência das cenas de Realidade, em todas as posições, tende a subir gradualmente, ao mesmo tempo que as cenas de Aflição vão sendo progressivamente menos escolhidas. Isso verifica-se nos resultados do presente estudo. No entanto, existe um aumento na escolha de cenas de Fantasia na última posição, nas crianças de 10 e 11 anos, que não vai de encontro ao descrito por Fagulha (1997/2002).

### Quadro 10

Percentagem de escolha de categorias, por posição, em função da idade, a todos os cartões

Cenas / Posição	Amostra do Estudo					
	5 anos	6 anos	7 anos	8 anos	9 anos	10 - 11 anos
1ª Aflição	33,2	34,8	38,6	37,9	38,1	38,0
1ª Fantasia	28,9	26,2	25,9	16,5	15,5	10,8
1ª Realidade	37,9	39,0	35,5	45,5	46,4	51,2
2ª Aflição	37,0	38,6	36,1	34,8	36,7	34,8
2ª Fantasia	32,4	33,3	30,5	30,4	27,1	23,7
2ª Realidade	30,6	28,0	33,3	34,8	36,2	41,5
3ª Aflição	25,4	33,7	32,0	33,9	23,8	19,4
3ª Fantasia	44,0	38,6	40,4	35,9	39,0	38,5
3ª Realidade	30,6	27,7	27,6	30,1	37,1	42,2

Através da análise ao Quadro 10, podemos verificar a evolução da escolha de categorias, por posição, na junção de todos os cartões. Assim, pode-se verificar que as crianças mais velhas, na primeira e na segunda posição da sequência, tendem a escolher menos cenas de Fantasia e mais cenas de Realidade; para terminar a história, podemos observar que há uma ligeira tendência para a escolha de menos cenas de Aflição, e um aumento na escolha de cenas de Realidade.

### Quadro 11

Percentagem de escolha de categorias, por posição, em função da idade, aos cartões I, II, IV, VI e VII

Cenas/Posição	Amostra do Estudo					
	5 anos	6 anos	7 anos	8 anos	9 anos	10 - 11 anos
1ª Aflição	36,3	40,8	43,5	45,6	47,7	47,4
1ª Fantasia	27,3	24,4	23,9	12,8	10,3	7,1
1ª Realidade	36,3	34,9	32,6	41,6	42,0	45,5
2ª Aflição	39,6	42,1	38,5	43,1	43,7	41,6
2ª Fantasia	31,0	33,3	28,9	25,9	24,3	19,0
2ª Realidade	29,4	24,6	32,6	30,9	32,0	39,4
3ª Aflição	24,9	34,9	31,4	36,9	26,7	22,6
3ª Fantasia	44,5	35,9	41,4	35,6	39,7	39,0
3ª Realidade	30,6	29,2	27,2	27,5	33,7	38,4

Nas respostas aos cartões com um conteúdo que induz sentimentos de ansiedade, podemos ver como as respostas diferem, relativamente à idade, no Quadro 11. Relativamente à primeira posição na sequência, as cenas mais escolhidas pelas crianças de 5 anos oscilam entre a Aflição e a Realidade, tendência que se mantém, existindo, com a idade, um decréscimo nas escolhas de Fantasia para iniciar a história. A categoria com que este tipo de cartões mais é iniciada, é a Aflição, que é comum para todas as idades. Relativamente ao desfecho da sequência, existe uma tendência para um aumento no uso de cenas de Realidade, e um decréscimo do aparecimento de cenas de Aflição e de Fantasia escolhidas por crianças mais velhas.

## Quadro 12

Percentagem de escolha de categorias por posição, em função da idade, aos cartões III e V

Cenas / Posição	Amostra do Estudo					
	5 anos	6 anos	7 anos	8 anos	9 anos	10 - 11 anos
1ª Aflição	25,5	19,9	14,4	18,8	14,2	14,5
1ª Fantasia	32,7	30,8	35,1	25,8	28,3	20,2
1ª Realidade	41,8	49,4	50,6	55,5	57,5	65,3
2ª Aflição	30,6	30,1	23,6	14,1	19,2	17,7
2ª Fantasia	35,7	33,3	38,5	41,4	34,2	35,5
2ª Realidade	33,7	36,5	37,9	44,5	46,7	46,8
3ª Aflição	26,5	30,8	30,5	26,6	16,7	11,3
3ª Fantasia	42,9	45,5	36,8	36,7	37,5	37,1
3ª Realidade	30,6	23,7	32,8	36,7	45,8	51,6

No Quadro 12 pode ver-se a evolução na resposta à prova “Era uma vez...”, aos cartões que sugerem situações mais agradáveis, os Cartões III e IV. Nesta tabela pode-se ver que na primeira posição da sequência as crianças optam, progressivamente, por escolher cenas de Realidade para iniciar as histórias, e também uma diminuição de escolha de cenas de Aflição e Fantasia, mais notórias nas últimas faixas etárias. Tal como acontece relativamente aos cartões indutores de Ansiedade (Quadro 10), aqui também as crianças mais novas escolhem mais cenas de Fantasia, tendência que vai diminuindo com a idade. Em relação à categoria das cenas escolhidas para a terceira posição na sequência, nota-se um decréscimo na escolha de cenas de Aflição,

especialmente a partir dos 7 anos de idade, e também um aumento na escolha de cenas de Realidade.

#### IV.1.2. Diferenças nas Estratégias de Elaboração da Ansiedade, por idade

##### Quadro 13

Percentagem de estratégias utilizadas, em comparação com o estudo de Pires (2001)

	Amostra do Estudo	Estudo de Pires (2001)
Impossibilidade	29,1	30,0
Negação	22,1	18,0
EEE	32,5	35,0
EAO	16,2	18,0

Como se pode verificar, neste estudo a percentagem de estratégias de elaboração da ansiedade é semelhante à do estudo de Pires (2001). As maiores diferenças ocorrem no uso da Negação, que é maior na presente amostra, em detrimento do uso de Estratégias Adaptativas Operacionais e da Estratégia de Equilibração Emocional.

##### Quadro 14

Percentagem de estratégias utilizadas, por cartão, no presente estudo em comparação com o estudo de Pires (2001)

Amostra do Estudo	ESTRATÉGIA	CARTÃO						
		I	II	III	IV	V	VI	VII
Amostra do Estudo	Negação	33,5	18,0	17,8	19,5	15,0	21,0	30,0
	Impossibilidade	23,0	44,5	31,5	16,8	23,5	26,0	38,8
	EAO	29,8	8,3	9,0	23,5	5,8	13,5	23,8
	EEE	13,8	29,3	41,8	40,3	55,8	39,5	7,5
Amostra de Pires (2001)	Negação	25,0	13,0	13,0	13,0	12,0	20,0	27,0
	Impossibilidade	26,0	42,0	38,0	14,0	26,0	25,0	36,0
	EAO	38,0	9,0	9,0	28,0	4,0	11,0	28,0
	EEE	11,0	36,0	40,0	45,0	58,0	44,0	9,0
<b>Cartão</b>	<b>X<sup>2</sup></b>	<b>Valor p</b>						
I	35,038	,009						
II	32,843	,017						
III	54,917	,000						
IV	27,008	,079						
V	55,410	,000						
VI	59,800	,000						
VII	95,809	,000						

No Quadro 11 pode-se verificar a comparação entre as estratégias, por cartão, no presente estudo e no estudo de Pires (2001), juntamente com a análise da homogeneidade da diferença entre as respostas. Assim, pode-se verificar que existem diferenças significativas ( $p > 0,05$ ) em todas as estratégias de todos os cartões, excepto nas estratégias utilizadas para responder ao Cartão IV.

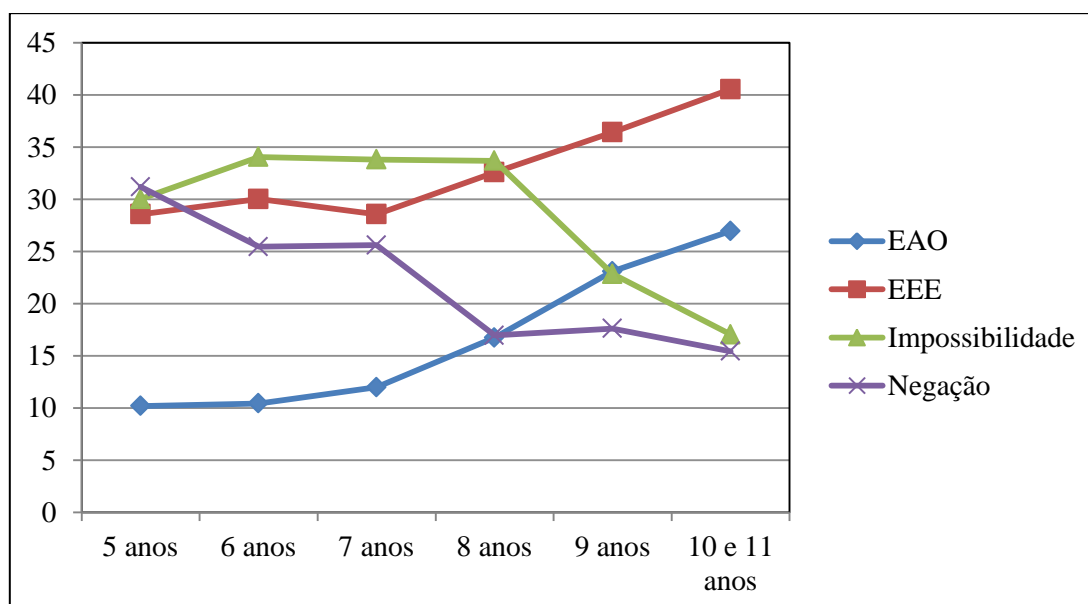
Esta discrepância nos resultados obtidos na percentagem de estratégias utilizadas no presente estudo, e no estudo de Pires (2001), pode ser explicada pelas diferenças na amostra – a amostra de Pires (2001) é constituída por 100 crianças entre os 6 e os 10 anos de idade, ao passo que a presente amostra é formada por 400 crianças, com idades compreendidas entre os 5 e os 11 anos de idade. Isso pode estar na origem nas diferentes estratégias utilizadas pelos dois estudos em comparação.

Pode-se verificar que nos cartões que apresentam situações geradoras de prazer (Cartões III e V), as crianças que fazem parte da presente investigação utilizam na sua maioria Estratégias de Equilibração Emocional.

Os Gráficos apresentados de seguida, que se referem ao uso das estratégias de elaboração emocional, definidas por Pires (2001), dispõem de Quadros, onde podem ser consultados os valores percentuais do uso de cada estratégia, por idade, nos diferentes cartões, e estão disponíveis para consulta em Anexo.

### Gráfico 1

Percentagem de Estratégias de Elaboração da Ansiedade, para todos os cartões, por faixa etária.

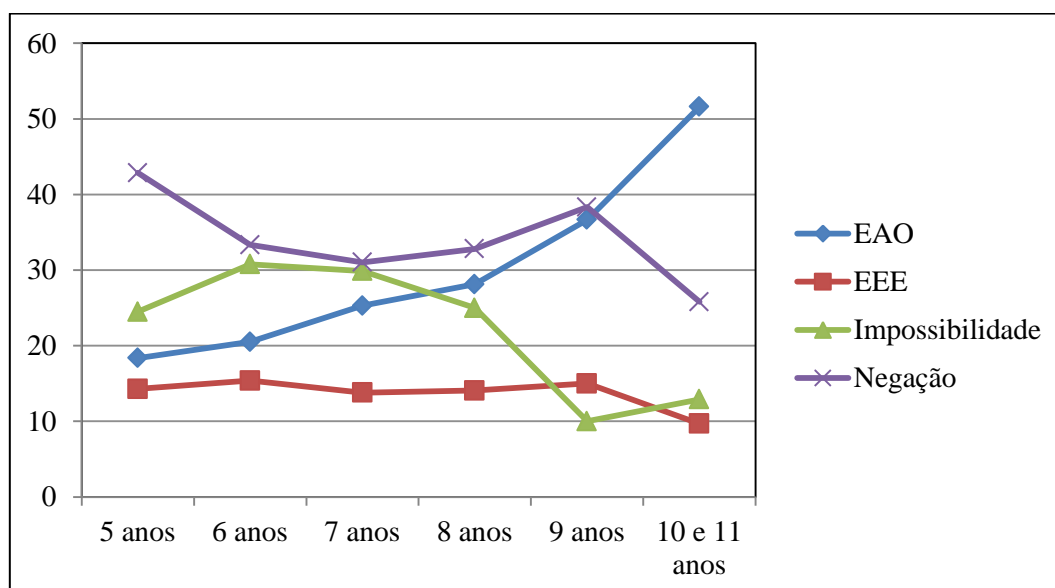


No Gráfico 1, pode ser observada a evolução das estratégias de Elaboração da Ansiedade, por idade. Verifica-se que as Estratégias de Equilibração Emocional e Adaptativa Operacional tendem a ser progressivamente mais utilizadas pelas crianças mais velhas. Por outro lado, a Impossibilidade e Negação vão sendo menos utilizadas pelas crianças mais velhas, sendo estratégias mais típicas de crianças do grupo dos 5 aos 8 anos. Esta era uma das hipóteses (Hipótese 2) do presente estudo, e vem contribuir para o estudo de Pires (2001), visto apresentar resultados semelhantes aos que esta obteve no estudo da sua dissertação de Mestrado.

Pode-se concluir que, com o crescimento, existe uma evolução na capacidade de lidar com a ansiedade de uma forma mais adaptativa, cujo reflexo é o aumento de estratégias mais adaptativas, existindo uma maior capacidade de reconhecimento da emoção desencadeada pelos cartões estímulos (reflectida pela diminuição da Negação). Tal como no estudo de Pires (2001), também aqui o momento de viragem ocorre por volta dos 8 anos de idade. O facto de a Impossibilidade ser mais frequente do que a Negação pode ser visto como um bom sinal, visto que, existe um reconhecimento da ansiedade, e uma tentativa para lidar com essa ansiedade, ao invés de uma fuga ao reconhecimento do afecto perturbador.

## Gráfico 2

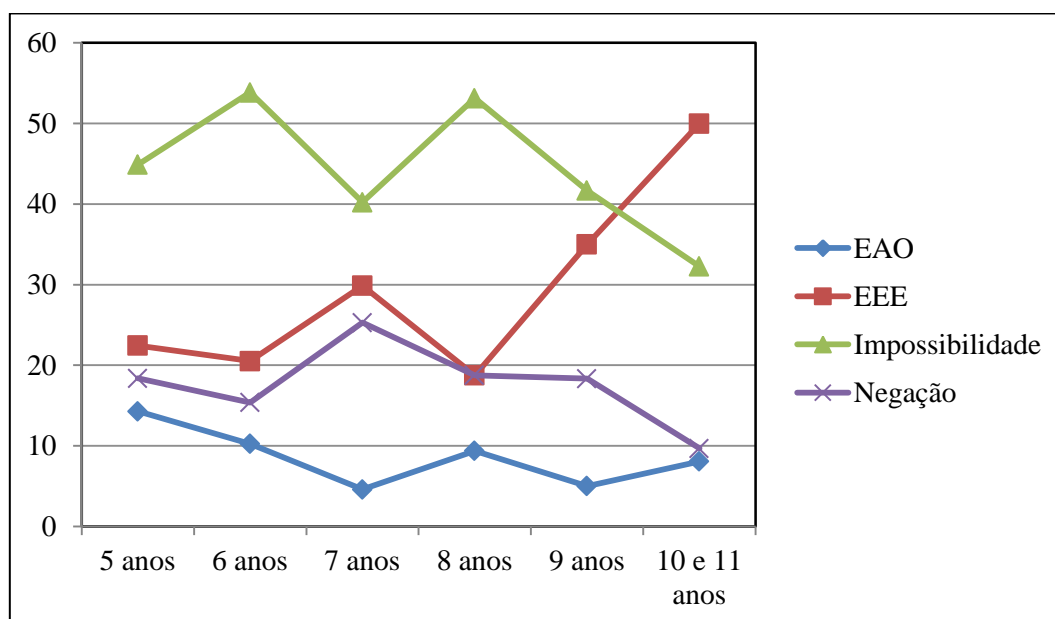
Percentagem de Estratégias de Elaboração da Ansiedade, no primeiro cartão, por idade.



Nas estratégias utilizadas como resposta ao primeiro cartão, que apresenta uma situação de medo de perda do objecto libidinal, a mãe, é de notar algumas parecenças no padrão de resposta da amostra com a amostra de crianças sem problemas psicológicos, utilizada no estudo de Pires (2001). No Gráfico 2 pode ser verificada a evolução das estratégias de elaboração da ansiedade utilizadas pelas crianças deste estudo. Assim, podemos verificar que a Estratégia de Equilibração Emocional é sempre uma das menos utilizadas pela amostra. As crianças com 5 anos, que não fazem parte da amostra utilizada por Pires (2001), usam, na sua maioria, a Negação como estratégia face à situação, seguida pela Impossibilidade. As crianças de 6 anos de idade, têm em comum com o estudo de Pires (2001) o facto de ambas usarem pouco as Estratégias de Equilibração Emocional e de Adaptação Operacional. Contudo, enquanto no estudo de Pires (2001) as crianças usam mais estratégias de Impossibilidade, aqui usam mais estratégias de Negação. As estratégias utilizadas pelas crianças de 7 e 8 anos foram semelhantes nos dois estudos – a Impossibilidade tende a diminuir, e o uso da Estratégia Adaptativa Operacional tende a aumentar. No estudo de Pires (2001) existe um decréscimo do uso da Negação e um aumento do uso da Impossibilidade aos 9 anos, sendo que na presente amostra observa-se contrário. Isto pode ser interpretado como uma dificuldade na capacidade das crianças de 9 anos, que fazem parte da amostra, em fazer face a uma situação ansiogénica, recorrendo à Fantasia para resolver essa problemática. Em relação ao último grupo, os resultados são também semelhantes, destacando-se a maior utilização da Estratégia Adaptativa Operacional como recurso face à ansiedade.

### Gráfico 3

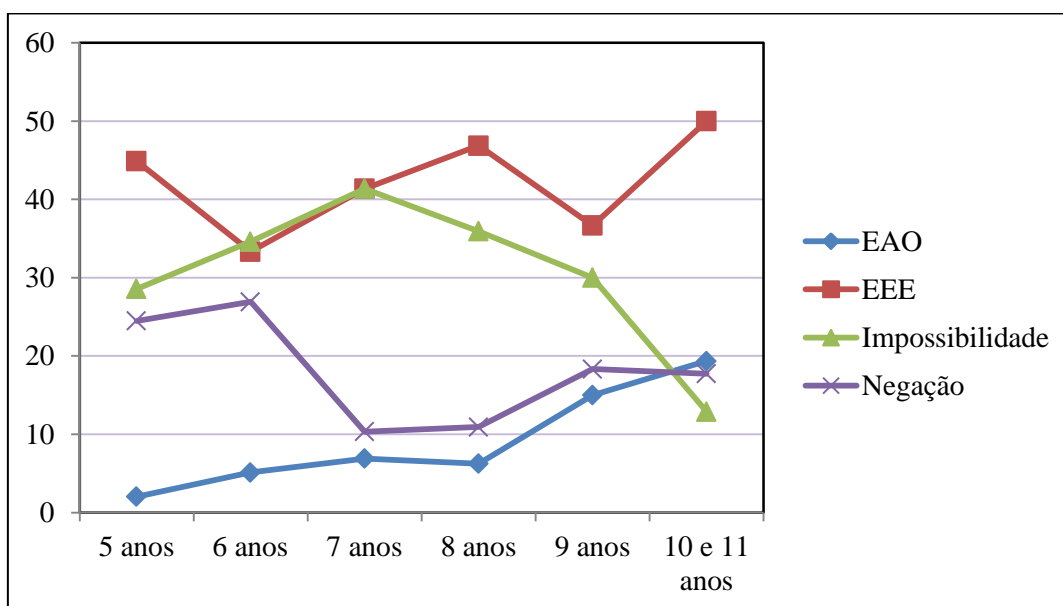
Percentagem de Estratégias de Elaboração da Ansiedade, no segundo cartão, por idade.



Nas respostas das crianças da presente amostra ao segundo item da prova (Gráfico 3), salta à vista a percentagem elevada, para todas as faixas etárias, da Impossibilidade, não obstante a sua diminuição nas crianças dos 9 aos 11 anos. No global, os resultados da amostra vão de encontro aos resultados que Pires (2001) teve no seu estudo com crianças sem problemas psicológicos, havendo uma tendência para o pouco uso da Estratégia Adaptativa Operacional, e um aumento progressivo da Estratégia de Equilíbrio Emocional com o aumento da idade (no grupo dos 8 aos 11 anos de idade).

#### Gráfico 4

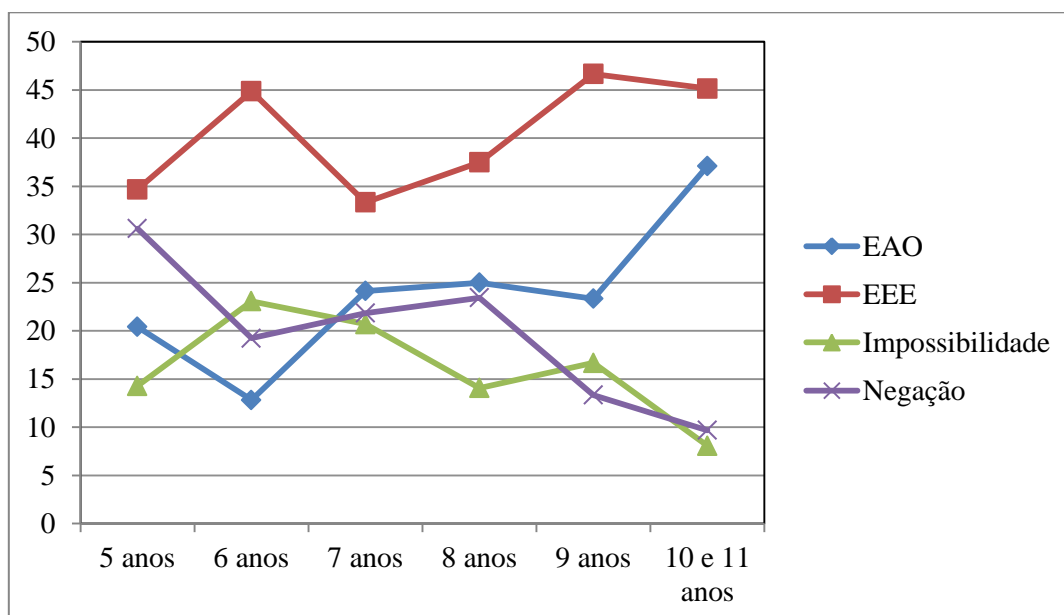
Percentagem de Estratégias de Elaboração da Ansiedade, no terceiro cartão, por idade.



A evolução das estratégias ao cartão III pode ser vista no Gráfico 4. Neste cartão, cuja temática é a ida à praia com os progenitores, e o contacto com o grupo de pares, as estratégias menos usadas foram a Estratégia Adaptativa Operacional e a Negação. A Impossibilidade foi deixando de ser uma estratégia das crianças a partir dos 7 anos de idade, sendo mais característica na faixa etária dos 6 anos de idade. Em todas as faixas etárias é notório a resposta que reflecte uma Estratégia com Equilíbrio Emocional, tornando-se mais expressiva a partir do grupo de crianças de 7 anos. Tal como seria de esperar, estes valores vêm mais uma vez reafirmar os valores a que Pires (2001) chegou, mostrando que a evolução das estratégias de elaboração da ansiedade nas respostas ao terceiro cartão é semelhante nos dois estudos.

### Gráfico 5

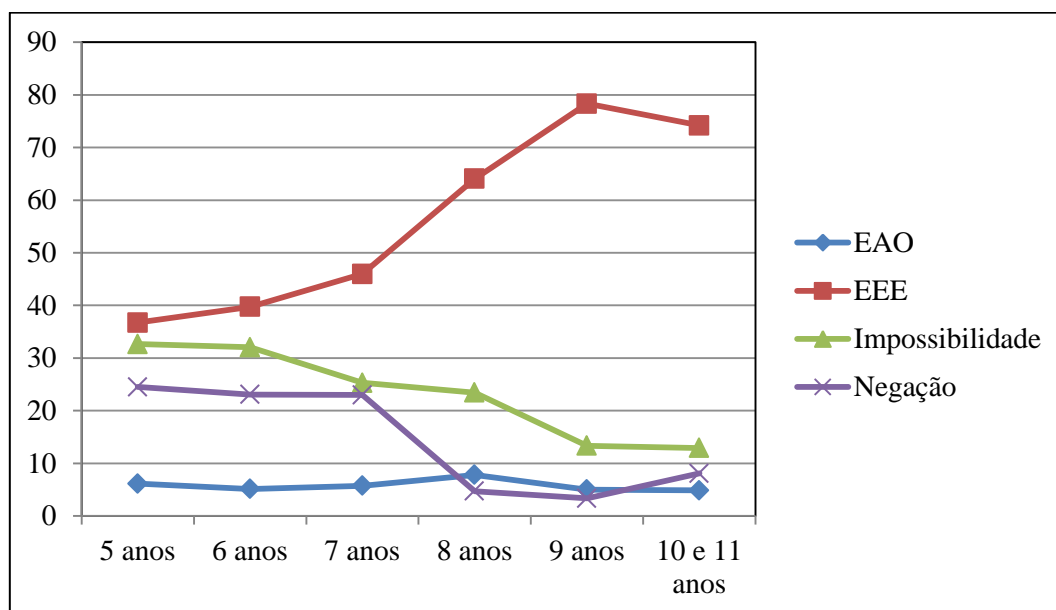
Percentagem de Estratégias de Elaboração da Ansiedade, no quarto cartão, por idade.



O que se pode verificar através da análise das estratégias de elaboração da ansiedade que as crianças da amostra do presente estudo, é que, no quarto cartão (Gráfico 5), cujo conteúdo remete para uma situação de pesadelo nocturno, existe uma tendência geral para todas as crianças de todas as faixas etárias fazerem uso de Estratégias de Equilíbrio Emocional. As respostas que reflectem uma Estratégia de Adaptação Operacional tendem, a par das de Equilíbrio Emocional, a serem frequentes com o avançar da idade. Já a Negação e a Impossibilidade, que estão presentes nas faixas etárias das crianças mais novas (5 e 6 anos) mostram um decréscimo com o avançar da idade. Os resultados vão, mais uma vez, de encontro aos expostos por Pires (2001) na sua dissertação de Mestrado, existindo uma diferença na que toca à faixa dos 10 e 11 anos, que no presente estudo continua a usar mais Estratégias de Equilíbrio Emocional, ao invés de sobressair a Estratégia Adaptativa Operacional, como no seu estudo.

### Gráfico 6

Percentagem de Estratégias de Elaboração da Ansiedade, no quinto cartão, por idade.

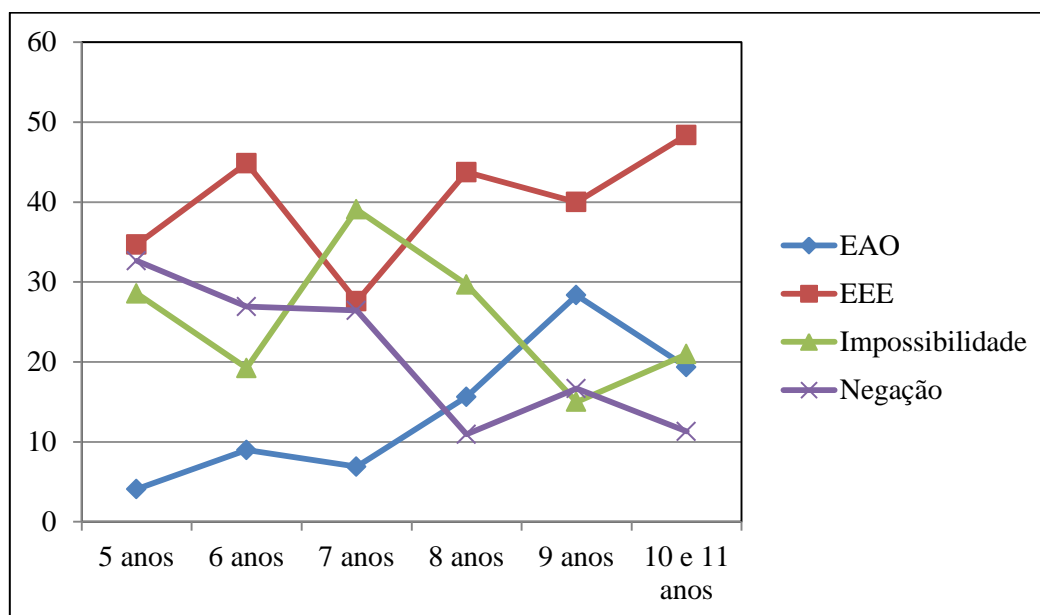


Nas respostas ao quinto cartão (Gráfico 6), que sugere uma situação de aniversário, pode-se verificar que a Estratégia mais frequente para todas as idades é a de Equilíbrio Emocional, e que esta é uma estratégia que tende a progressivamente mais utilizada por crianças mais velhas, especialmente a partir dos 7 anos. Existe, ainda, uma tendência para usar progressivamente menos as estratégias de Negação e de Impossibilidade, principalmente a partir dos 7 anos de idade. A Estratégia Adaptativa Operacional é pouco frequente, só sendo mais frequente do que a Negação, em crianças de 8 e 9 anos de idade.

Estes resultados vão de encontro aos resultados discutidos por Pires (2001) na sua tese de mestrado, na qual existe, também, um predomínio da Estratégia de Equilíbrio Emocional, seguida depois pela Impossibilidade.

### Gráfico 7

Percentagem de Estratégias de Elaboração da Ansiedade, no sexto cartão, por idade.

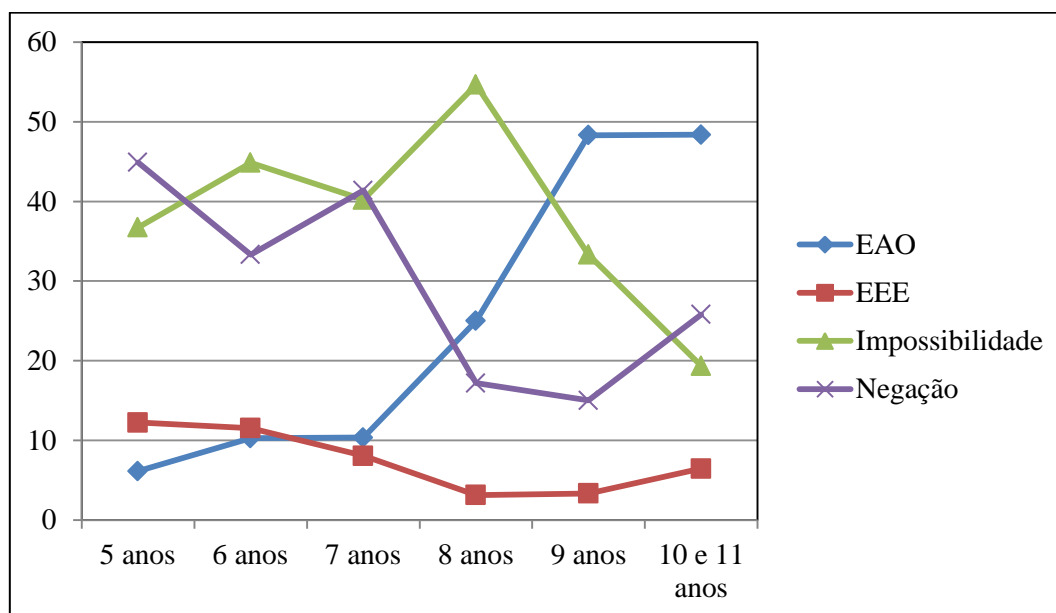


No sexto cartão, que incide sobre a temática da discussão entre as figuras parentais, a Estratégia com Equilíbrio Emocional continua a ser a estratégia mais comum, excepto para as crianças de 7 anos, nas quais a estratégia de elaboração da ansiedade mais frequente é a Impossibilidade. É dos 8 aos 9 anos de idade que se nota o decréscimo na frequência desta estratégia, havendo um aumento nas crianças de 10 e 11 anos. A partir dos 7 anos, existe também o aumento da Estratégia Adaptativa Operacional, e a diminuição da Negação. Esta evolução está visível no Gráfico 7.

Os resultados obtidos com a presente amostra vão de encontro, mais uma vez, aos de Pires (2001), inclusive na tendência de, nas crianças de 9 anos a Estratégia Adaptativa Operacional ter uma posição de destaque, que não tem na faixa etária seguinte (neste caso, nas escolhas das crianças de 10 e 11 anos).

## Gráfico 8

Percentagem de Estratégias de Elaboração da Ansiedade, no sétimo cartão, por idade.



O último cartão-estímulo da prova remete para uma situação de dificuldade de aprendizagem em frente de toda a turma. Face a esta situação, que remete para o medo de falhar frente aos outros, as crianças do presente estudo mostram uma tendência para utilizar, progressivamente, Estratégias Adaptativas Operacionais, especialmente a partir dos 7 anos de idade. Contudo, as estratégias mais utilizadas são a Negação (nos 5 anos, especialmente), e a Impossibilidade. Esta deixa de ser a estratégia mais utilizada nos grupos de crianças dos 9 aos 11 anos. A Estratégia de Equilíbrio Emocional é a menos utilizada em todas as faixas etárias, especialmente nas crianças de 8 anos.

Tal como é relatado por Pires (2001), a tendência nas respostas a este cartão é que as crianças mais novas utilizem estratégias de Impossibilidade e de Negação, o que neste estudo se prolonga até aos 9 anos, idade em que o uso da Estratégia Adaptativa Operacional passa a ser a mais utilizada, em relação às outras.

### IV.2. Discussão de Resultados

Através da análise dos resultados relativos à escolha da cena e sua posição na sequência, por idade, podemos ver a evolução das respostas, por idade. Este é um dos objectivos a que a presente investigação se propôs, no Capítulo II.

No geral, a evolução das respostas mostra que existe um aumento na escolha de cenas de Aflição e de Realidade como respostas na primeira posição da sequência, quando o cartão em causa é gerador de ansiedade (Quadro 10), enquanto existe, por outro lado, uma tendência para que as crianças mais velhas optem por escolher terminar as suas histórias com cenas de Realidade e/ou Fantasia, em vez de terminarem em cenas de Aflição. Isto pode ser interpretado como uma evolução na capacidade de fazer face à ansiedade gerada pela prova, que significa que existe, ao longo do desenvolvimento, um amadurecimento na capacidade para lidar com situações ansiogénicas, que já é referido por Klein (1932/1975) quando defende a evolução de mecanismos de defesa face à ansiedade ao longo do desenvolvimento. Estes dados vão de acordo com a Hipótese 1a e 1b, que supõem que as escolhas de Realidade são mais escolhidas pelas crianças mais velhas para terminar as histórias geradoras de ansiedade, assim como também prevêem que a escolha de cenas de Aflição também é maior na primeira posição da sequência. Esta escolha revela, assim, capacidade de reconhecimento das emoções negativas, que as crianças vão adquirindo com o crescimento. Contudo, os dados sugerem que a escolha de cenas de Realidade aumenta paralelamente com a escolha de cenas de Fantasia. Isto acontece especialmente nos cartões II (Doença) e VI (Briga dos Pais). Esta escolha, pelas crianças, de cenas de Fantasia para terminar a história, poderá estar relacionadas com uma atitude mais passiva face a situações que não estão dependentes da criança, e, portanto, o facto de ser uma escolha de crianças mais velhas apenas vai revelar a sua capacidade de ajustamento face a uma problemática que, pela Realidade, não conseguem resolver de uma forma adaptativa.

Quanto às respostas dadas nos cartões que sugerem situações prazerosas, a ida à praia (Cartão III) e a festa de aniversário (Cartão V), o padrão de respostas mostra uma progressiva escolha de cenas que se enquadram na categoria da Realidade, em todas as posições da sequência, ao passo que existe uma tendência para a menor escolha de cenas de Aflição, na primeira posição da sequência. Esta tendência revela que, com o aumentar da idade existe uma capacidade para lidar com eventos que anteriormente causariam ansiedade, por exemplo a relação com o grupo de pares, e o medo da rejeição, assim como um menor sentimento de culpa face ao receber prendas, tal como sugere Fagulha (1997/2002). Estas evidências mostram que as Hipóteses 1c e 1d fazem todo o sentido, e que de facto estes resultados vão de encontro aos resultados de estudos anteriores (Fagulha, 1992;1997/2002).

Relativamente à Hipótese 1e, que supõe que as crianças mais velhas tendem a escolher em menor número cenas de Fantasia, em todas as posições da sequência, podemos verificar, no Quadro 10 que, de facto, essa tendência é real, apesar de não ser tão clara na terceira posição da sequência. Isto pode estar relacionado com o facto de este Quadro englobar as respostas a todos os cartões, e, tal como já foi visto anteriormente, em alguns cartões a resposta de desfecho em Fantasia ser uma resposta que tem um significado de adaptabilidade à situação ansiogénica.

Podemos verificar, pela divisão que foi feita por faixas etárias, uma evolução na escolha de categorias, por posição nas crianças dos 6 aos 8 anos, algo que se mostra bastante útil na análise dos protocolos individuais. Esta divisão foi feita na análise de todos os cartões, permitindo verificar que as respostas das crianças de 6 anos assemelham-se mais com as respostas dadas pelas crianças de 5 anos, enquanto as respostas dadas pelas crianças de 8 anos se aproximam mais das respostas dadas pelas crianças de 9 anos. Isto poderá estar relacionado com o facto de o crescimento ser gradual, ou seja, à medida que a criança cresce e fica mais exposta a situações que potenciam sentimentos de ansiedade, vai também aprendendo a responder a essas situações de uma forma adaptativa, recorrendo menos à ansiedade, reconhecendo mais as situações de Aflição, fazendo menos negação de sentimentos, e recorrendo menos à Fantasia. Nas situações que, nas crianças mais pequenas, suscitam medo da reacção dos outros e também medo da gratificação, existe uma progressiva aceitação, havendo respostas progressivamente mais ligadas às cenas de Realidade. Este fenómeno pode ser observado, também, nos resultados obtidos nas Estratégias de Elaboração da Ansiedade.

Relativamente às Estratégias de Elaboração da Ansiedade, podemos verificar que existe uma prevalência do uso de Estratégias de Equilibração Emocional e da Impossibilidade, sendo que esta é uma estratégia utilizada de uma forma mais frequente pelas crianças dos 5 aos 8 anos de idade, enquanto a Estratégia de Equilibração Emocional tende a ser a mais frequente a partir dos 9 anos de idade (Gráfico 1). A estratégia da Negação apenas é frequente nas crianças de 5 anos, idade após o qual tende a ser menos utilizada. Já a Estratégia Adaptativa Operacional é pouco frequente nas crianças mais jovens, sendo usada de uma forma crescente pelas crianças com mais de 6 anos de idade, altura em que se dá um aumento na utilização desta estratégia. Isto vai de encontro ao que foi sugerido pela Hipótese 2, pois as estratégias desadaptativas vão sendo progressivamente menos utilizadas, ao passo que as estratégias que supõem uma resposta adaptativa aos cartões apresentados vão sendo cada vez mais frequentes,

especialmente a partir dos 8 anos de idade, idade em que a percentagem de estratégias adaptativas passa a ser superior à percentagem de estratégias que englobem a Negação ou a Impossibilidade. Isto apenas vem reforçar a ideia, já dada pela análise dos dados que analisam a escolha de categorias por posição na sequência, de que com o aumento da idade existe, de facto, uma maior capacidade de lidar com situações potencialmente ansiogénica, tal como as situações que são apresentadas na prova “Era uma vez...”.

## **V. Conclusão**

Os objectivos estabelecidos no início do presente estudo propunham estudar as respostas dadas pela amostra à prova “Era uma vez...” em função (1) da colocação de cenas por categoria e sua posição na sequência, em função da idade e (2) das Estratégias de Elaboração da Ansiedade, e sua evolução por idade. Estes resultados mostraram-se concordantes com os resultados de estudos com a amostra normativa (Fagulha, 1992;1997/2002), assim como com a investigação de Pires (2001) acerca das estratégias de elaboração da ansiedade utilizadas nas respostas à prova “Era uma vez...” dadas por crianças sem problemas psicológicos, não obstante algumas diferenças nos resultados, justificadas pela diferença desta amostra relativamente (1) à amplitude de idades e (2) à sua constituição.

Dentro das suas possibilidades, os resultados do estudo vêm mostrar que existe uma tendência para as crianças mais velhas darem respostas que revelem mais capacidade para lidar de forma adaptativa com a ansiedade, e com a ansiedade associada a situações geradoras de prazer. Existe, ainda, uma tendência para o decréscimo no uso da Fantasia, excepto quando esta pode ser usada face a uma situação incontrolável (e.g.: doença). Foram, ainda, encontradas algumas diferenças nos resultados reportados pelos estudos supracitados de Fagulha (1992;1997/2002) e de Pires (2001), que podem ser explicados pela dimensão da amostra, assim como podem ser interpretados como respostas atípicas, cuja investigação posterior seria um tema interessante.

A presente investigação estuda, pela primeira vez, as respostas dadas pelas crianças de 6, 7 e 8 anos de forma separada, podendo ser verificada uma mudança progressiva nestas três faixas etárias, mais discriminativa relativamente às normas de respostas na prova, que vem acrescentar mais riqueza à análise dos protocolos individuais.

Relativamente à amostra, esta pode ser considerada representativa da população portuguesa, devido (1) ao número de crianças pelas quais é constituída; (2) devido ao facto de esta base de dados ter todas as classes etárias representadas de forma relativamente equitativa; e (3) por ter sido recolhida ao longo dos últimos anos, e em vários locais do país. Deste modo, a evolução nas respostas dadas à prova “Era uma vez...” aqui apresentada e discutida pode ser generalizada para a restante população portuguesa.

A amostra falha, ainda, pela falta de dados sócio-demográficos, e pela dispersão nas datas de aplicação das provas. Isto abre a porta para o estudo nas respostas à prova, no sentido de perceber se estas tendem a mudar de geração para geração, assim como o estudo de respostas dadas por crianças de diferentes zonas – por exemplo respostas dadas por crianças que habitem em zonas urbanas e em zonas rurais.

A área de investigação sobre as respostas à prova projectiva “Era uma vez...” é muito abrangente, sendo que a base de dados utilizada no presente estudo poderá ajudar a perceber a evolução das respostas relativamente à variável sexo, por exemplo. A análise de dados relativos à Folha de Análise de Respostas, onde o psicólogo anota a atitude da criança face à prova, as sequências de cenas nas suas respostas, a história contada e o grau de elaboração desta, é uma área que merece um estudo mais a fundo, trazendo resultados-tipo na população portuguesa.

## VI. Referências Bibliográficas

- Bellak, L. (1971). *The Thematic Apperception Test and the Children's Apperception Test in clinical use* (2ª ed.). New York: Grune & Stratton. (Trabalho original publicado em 1954)
- Blum, G. S. (1950). *The Blacky pictures. A technique for the exploration of personality dynamics. Manual for instructions*. Michigan
- Boekholt, M. (2000). *Provas Temáticas na Clínica Infantil*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Corman, L. (1981). *Le test PN. Manuel*. Paris: Press Universitaires de France. (Trabalho Original publicado em 1961)
- Cramer, P. (1987). The Development of Defense Mechanisms. *Journal of Personality*, 55(4), 597-614.
- Cramer, P. (1996). *Storytelling, narrative and the Thematic Apperception Test*. New York: Springer-Verlag.
- Cramer, P. (2009). An Increase in Early Adolescent Undercontrol Is Associated With the Use of Denial. *Journal of Personality Assessment*, 91(4), 331-339.
- Estrada, R. (2008). *“Era uma vez...”: emoções, defesas e fantasias*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Fagulha, T. (1992). *A Prova “Era uma vez...”: Uma prova projectiva para crianças*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Lisboa.
- Fagulha, T. (1994). A Prova “Era uma vez...”. Uma prova projectiva para crianças. *Análise Psicológica*, 4(12), 511-528.
- Fagulha, T. (1996). A Prova “Era uma vez...”: apresentação de alguns resultados e ilustrações da sua aplicação clínica. *Psicológica*, 15, 107-112.
- Fagulha, T. (2003). *A Prova “Era uma vez...”. Manual e material* (2ª ed.). Lisboa: CEGOC/TEA. (Trabalho original publicado em 1997)

Fagulha, T. (1999). Era uma vez... um menino com medo de morrer. *Revista Portuguesa de Psicossomática*, 1(1), 89-100.

Fagulha, T. (2000) The Once-Upon-A-Time Test. In R. Dana (Ed.), *Handbook of Cross-Cultural and Multicultural Personality Assessment* (pp.515-536). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Fagulha, T. (2004). “Era uma vez...” – Prova projectiva para crianças pp. 109-122. In Simões, M., Almeida, L. S., Machado, C. & Gonçalves, M. (2008). *Avaliação Psicológica – Volume II*. Quarteto Editora, Lisboa.

Fagulha, T. & Duarte Silva, M.E. (1996). Estudo longitudinal das respostas ao cartão VII do Teste “Era uma vez...”, em crianças com e sem dificuldade de aprendizagem. In L. Almeida, S. Araújo, M. Gonçalves, C. Machado & M. Simões (Eds.), *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos* (vol. 4, pp.119-129). Braga: APPORT.

Fagulha, T. & Pires, R. (1997). Mecanismos de defesa avaliados através da Prova “Era uma vez...”. In M. Gonçalves, I. Ribeiro, S. Araújo, C. Machado, L. Almeida & M. Simões (Eds.), *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos* (Vol. 5, pp.45-52). Braga: APPORT.

Freud, S. (1978). Analysis terminable and interminable. In J. Strachey (Ed.), *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (Vol. 23, pp.216-253). London: Hogarth Press and Institute of Psycho-Analysis. (Trabalho original publicado em 1937)

Freud, S. (2005). Inibições, Sintomas e Angústia. Rio de Janeiro: Imago Editora. (Trabalho original publicado em 1926)

Freud, S. (2009). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Lisboa: Relógio d’Água. (Trabalho original publicado em 1905)

Freud, S. (2009). *Para além do princípio do prazer*. Lisboa: Relógio D’Água Editores. (Trabalho original publicado em 1920)

Gonçalves, B. (1997). A utilização do teste de Szondi com crianças: estudo comparativo com a prova “Era uma vez...”. In M. Gonçalves, I. Ribeiro, S. Araújo, C. Machado, L.

Almeida & M. Simões (Eds.), *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos* (Vol. 5, pp.713-720). Braga: APPORT.

Klein, M. (1975). *A psicanálise de crianças*. Rio de Janeiro: Imago Editora.  
(Trabalho original publicado em 1932)

Klein, M. (1980). A técnica psicanalítica através do brinquedo: Sua história e significado. In M. Klein, P. Heimann, & R. E. Money-Kyrle (Eds.), *Novas tendências na psicanálise* (pp.25-48). Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Murray, H.A. (1981). *Teste de Apercepção Temática*. Manual. S. Paulo: Editora Mestre Jou. (Trabalho original publicado em 1943)

Pires, R. (2001). *Estratégias de Elaboração da Ansiedade nas respostas Sequências de Cenas à Prova “Era uma vez...”*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.

Pires, R. & Fagulha, T. (2004). *Estratégias de Elaboração da Ansiedade nas Respostas Sequências de Cenas na Prova Projectiva para Crianças “Era uma vez...”*

Rabin, A. I. (1981). *Assessment With Projective Techniques- A Concise Introduction*. New York: Springer Publishing Company.

Ribeiro, A. (2011). *Elaboração da ansiedade nas respostas à prova “Era Uma Vez...” em crianças da Casa da Praia*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.

Santos, M. (2006). *Sentir e Significar. Para uma leitura do papel das narrativas no Desenvolvimento emocional da criança*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Minho.

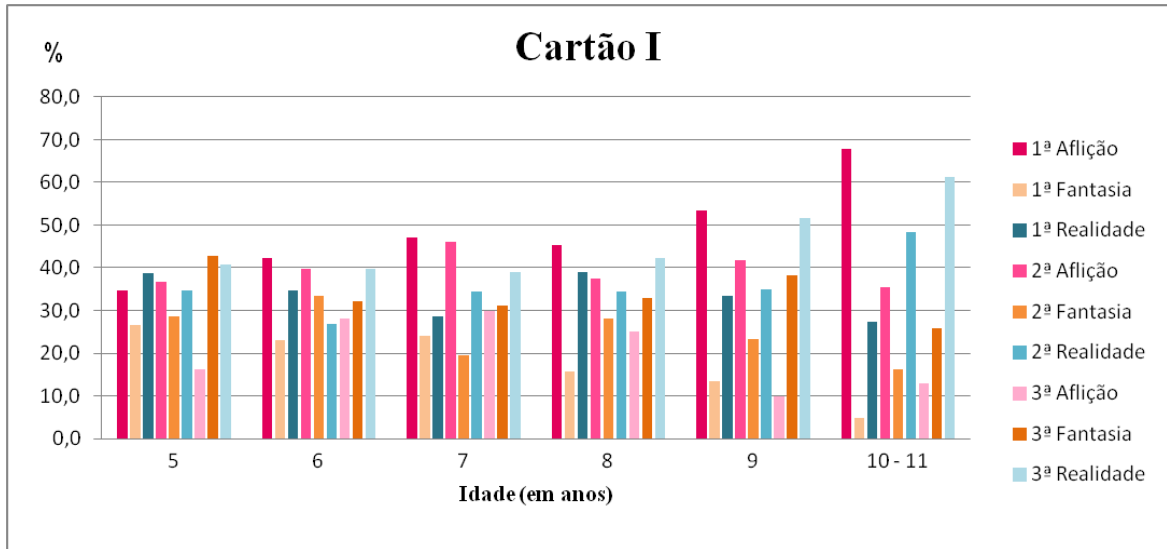
Winnicott, D.W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora.  
(Trabalho original publicado em 1971)

Winnicott, D. W. (1986). *Holding e Interpretação*. São Paulo: Martins Fontes.

## ANEXOS

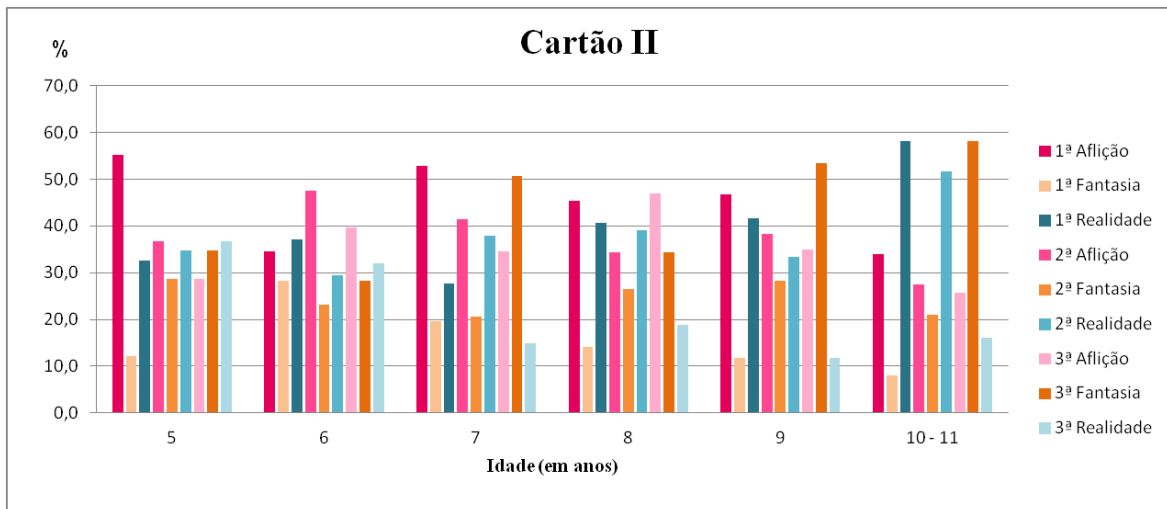
**Gráfico 1**

Percentagem da escolha de categorias, por posição, em função da idade, para o Cartão I



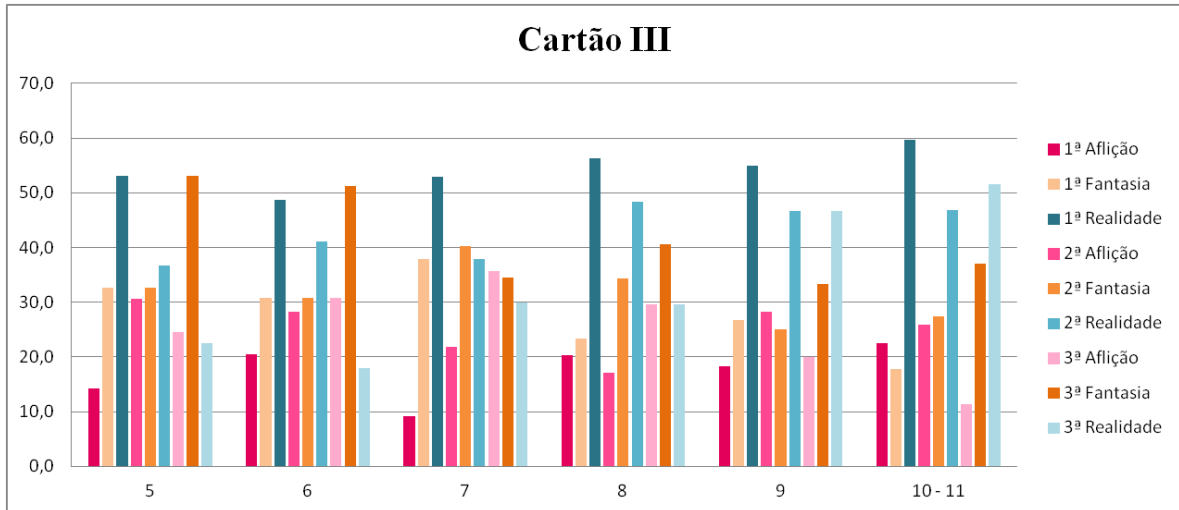
**Gráfico 2**

Percentagem da escolha de categorias, por posição, em função da idade, para o Cartão II



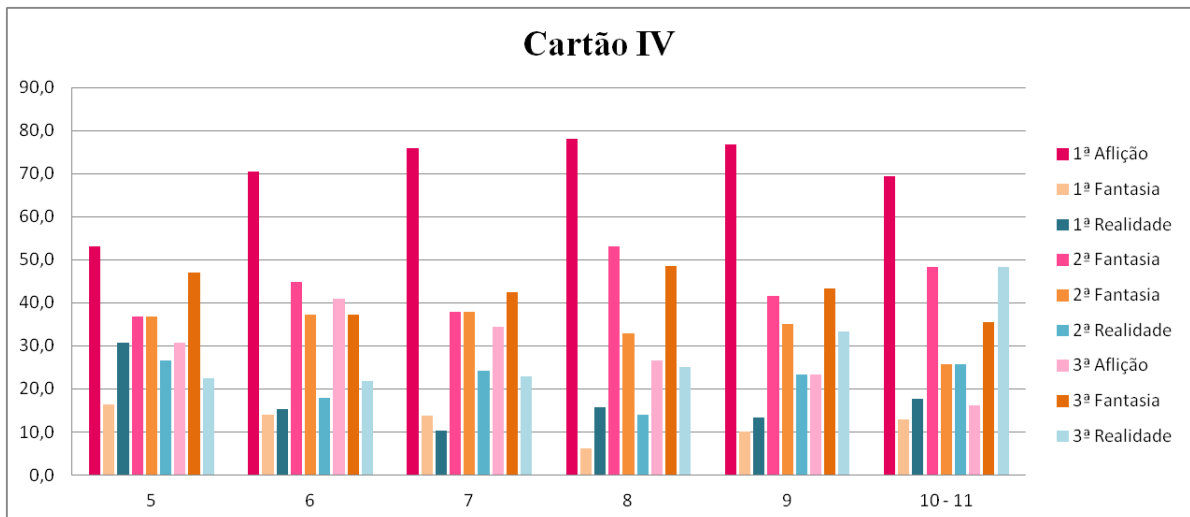
### Gráfico 3

Percentagem da escolha de categorias, por posição, em função da idade, para o Cartão III



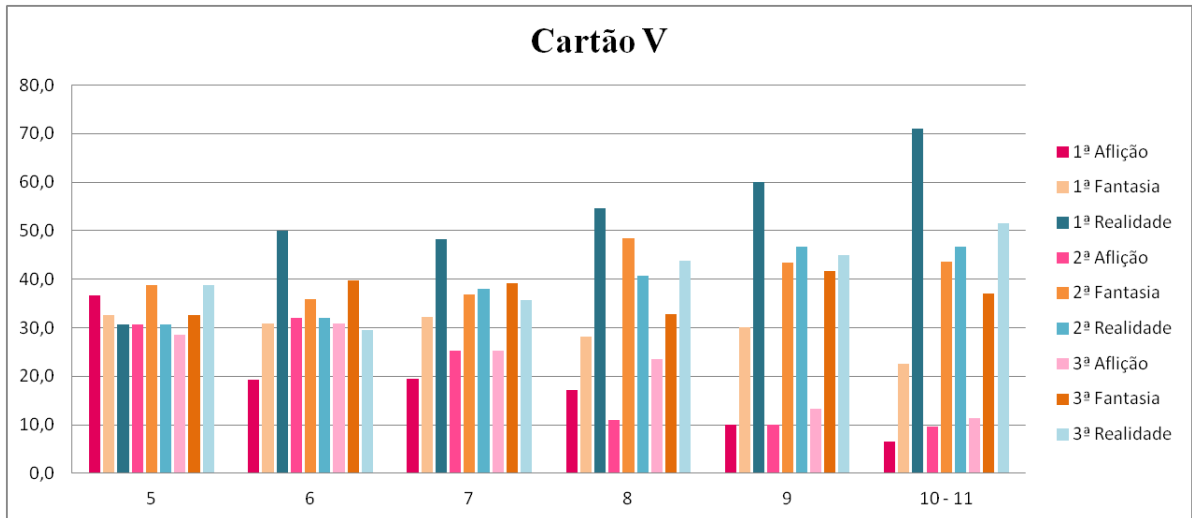
### Gráfico 4

Percentagem da escolha de categorias, por posição, em função da idade, para o Cartão IV



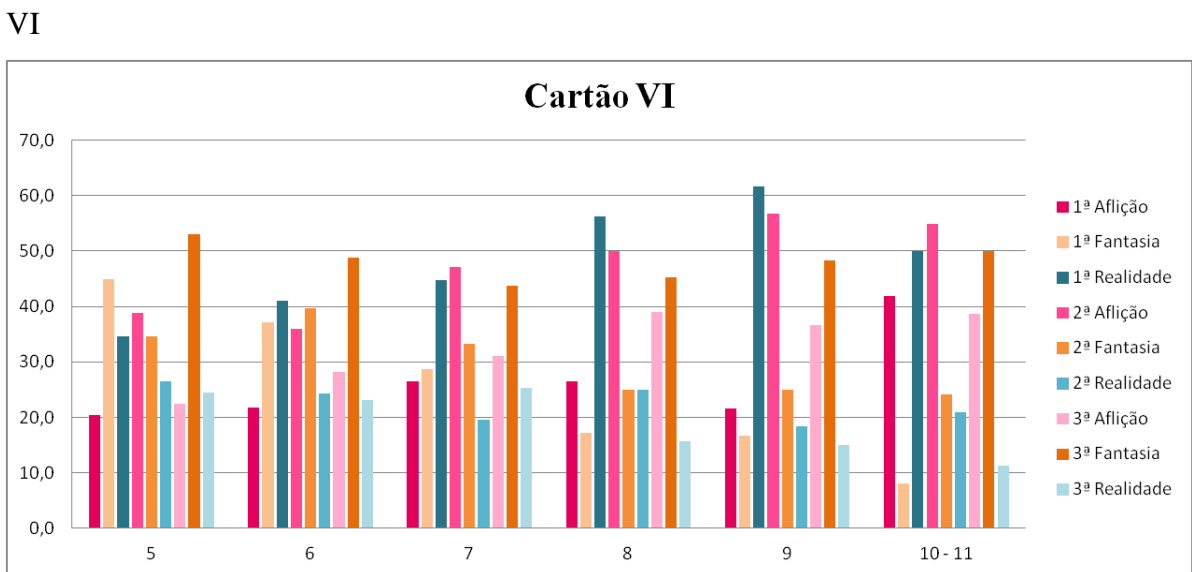
### Gráfico 5

Percentagem da escolha de categorias, por posição, em função da idade, para o Cartão V



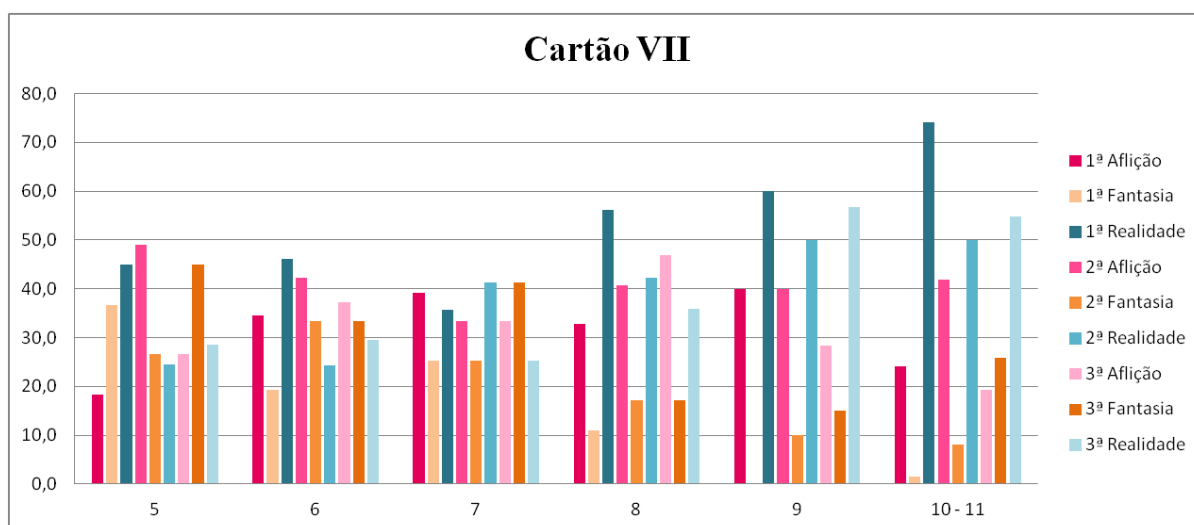
### Gráfico 6

Percentagem da escolha de categorias, por posição, em função da idade, para o Cartão VI



## Gráfico 7

Percentagem da escolha de categorias, por posição, em função da idade, para o Cartão VII



## Quadro 1

Frequência de Estratégias de Elaboração da Ansiedade, no primeiro cartão, por idade.

	5 anos	6 anos	7 anos	8 anos	9 anos	10 e 11 anos	Total
EAO	6,12	10,26	10,34	25,00	48,33	48,39	23,75
EEE	12,24	11,54	8,05	3,13	3,33	6,45	7,50
Impossibilidade	36,73	44,87	40,23	54,69	33,33	19,35	38,75
Negação	44,90	33,33	41,38	17,19	15,00	25,81	30,00

## Quadro 2

Frequência de Estratégias de Elaboração da Ansiedade, no segundo cartão, por idade.

	5 anos	6 anos	7 anos	8 anos	9 anos	10 e 11 anos	Total
EAO	14,29	10,26	4,60	9,38	5,00	8,06	8,25
EEE	22,45	20,51	29,89	18,75	35,00	50,00	29,25
Impossibilidade	44,90	53,85	40,23	53,13	41,67	32,26	44,50
Negação	18,37	15,38	25,29	18,75	18,33	9,68	18,00

### Quadro 3

Frequência de Estratégias de Elaboração da Ansiedade, no terceiro cartão, por idade.

	5 anos	6 anos	7 anos	8 anos	9 anos	10 e 11 anos	Total
EAO	2,04	5,13	6,90	6,25	15,00	19,35	9,00
EEE	44,90	33,33	41,38	46,88	36,67	50,00	41,75
Impossibilidade	28,57	34,62	41,38	35,94	30,00	12,90	31,50
Negação	24,49	26,92	10,34	10,94	18,33	17,74	17,75

### Quadro 4

Frequência de Estratégias de Elaboração da Ansiedade, no quarto cartão, por idade.

	5 anos	6 anos	7 anos	8 anos	9 anos	10 e 11 anos	Total
EAO	20,41	12,82	24,14	25,00	23,33	37,10	23,50
EEE	34,69	44,87	33,33	37,50	46,67	45,16	40,25
Impossibilidade	14,29	23,08	20,69	14,06	16,67	8,06	16,75
Negação	30,61	19,23	21,84	23,44	13,33	9,68	19,50

### Quadro 5

Frequência de Estratégias de Elaboração da Ansiedade, no quinto cartão, por idade.

	5 anos	6 anos	7 anos	8 anos	9 anos	10 e 11 anos	Total
EAO	6,12	5,13	5,75	7,81	5,00	4,84	5,75
EEE	36,73	39,74	45,98	64,06	78,33	74,19	55,75
Impossibilidade	32,65	32,05	25,29	23,44	13,33	12,90	23,50
Negação	24,49	23,08	22,99	4,69	3,33	8,06	15,00

### Quadro 6

Frequência de Estratégias de Elaboração da Ansiedade, no sexto cartão, por idade.

	5 anos	6 anos	7 anos	8 anos	9 anos	10 e 11 anos	Total
EAO	4,08	8,97	6,90	15,63	28,33	19,35	13,50
EEE	34,69	44,87	27,59	43,75	40,00	48,39	39,50
Impossibilidade	28,57	19,23	39,08	29,69	15,00	20,97	26,00
Negação	32,65	26,92	26,44	10,94	16,67	11,29	21,00

### Quadro 7

Frequência de Estratégias de Elaboração da Ansiedade, no sétimo cartão, por idade.

	5 anos	6 anos	7 anos	8 anos	9 anos	10 e 11 anos	Total
EAO	6,12	10,26	10,34	25,00	48,33	48,39	23,75
EEE	12,24	11,54	8,05	3,13	3,33	6,45	7,50
Impossibilidade	36,73	44,87	40,23	54,69	33,33	19,35	38,75
Negação	44,90	33,33	41,38	17,19	15,00	25,81	30,00

### Quadro 8

Porcentagem de Estratégias de Elaboração da Ansiedade, por idade

	5 anos	6 anos	7 anos	8 anos	9 anos	10 e 11 anos
EAO	10,20	10,44	11,99	16,74	23,10	26,96
EEE	28,57	30,04	28,57	32,59	36,43	40,55
Impossibilidade	30,03	34,07	33,83	33,71	22,86	17,05
Negação	31,20	25,46	25,62	16,96	17,62	15,44